



Sumário

A.	Apresentação	3
B.	Um jeito diferente de ser	5
C.	Uma base sólida	7
D.	Um olhar criterioso	8
E.	Território de atuação	9
F.	Parcerias criativas	10
G.	Os caminhos dos projetos	21
H.	Atuação nos biomas	22
I.	Mudanças climáticas	42
J.	Construção de capacidades	43
K.	Resultados	46
L.	Um novo ciclo	48
M.	Conselho	50
N.	Os números do CASA	56

Esta publicação traz a trajetória do Centro de Apoio Sócio-Ambiental – CASA em seus cinco primeiros anos de vida. É a oportunidade de comemorarmos e compartilharmos com amigos, parceiros, apoiadores e apoiados as realizações e conquistas desses anos de intensa atividade de nossa organização, para que inspirem os novos tempos.

Acreditamos que neste ato de compartilhar as histórias e comemorar as conquistas estamos realizando nosso ritual, uma grande festa que marca a passagem do tempo e nos faz conscientes do crescimento e da importância das fases vividas e dos novos caminhos que queremos trilhar.

Apresentação



O Centro de Apoio Sócio-Ambiental – CASA, um fundo socioambiental na realidade, é resultado do trabalho de toda uma vida, ou melhor, de muitas vidas, que se uniram com a mesma determinação: apoiar organizações e grupos comunitários idôneos com garra e boas ideias, mas invisíveis aos olhos da sociedade, na sua luta pelo fortalecimento da democracia, onde justiça social e proteção ambiental se encontram.

Em minha trajetória de vida alguns fatos foram decisivos para uma tomada de consciência e uma virada fundamental. Em 1981, com 17 anos e fazendo intercâmbio em Idaho, outro intercambista, holandês, me indaga sobre a destruição da Amazônia e qual seria minha atitude em relação a isso. Tendo crescido durante a ditadura militar sem referência alguma da possibilidade real de um cidadão interferir em assuntos tão grandiosos como esse, fico sem resposta. Ironicamente, em 1985, já cursando faculdade na Califórnia, conheço Randy Hayes, ativista norte-americano que nos conta que um grupo internacional acaba de criar a Rainforest Action Network - RAN. Em 1986, durante o First Citizens Conference on the World Bank, em Washington, D. C., conheço Ailton Krenak, na época coordenador da União das Nações Indígenas - UNI, que, além de estar lá como testemunha da destruição ambiental e social provocada por um dos financiamentos desse banco, conta como a população indígena no Brasil está organizada para garantir seus direitos na nova constituição brasileira! O mundo se abre diante de mim. Claro que, além de juntar-me ao RAN durante os 4 anos seguintes, me dedico a entender e contribuir com a viabilidade da Aliança dos Povos da Floresta, voltando para o Brasil em 1990 para assumir oficialmente esse trabalho.

Lembro-me de que, nos primeiros anos, pensava que o mundo “desenvolvido” era devedor dos países mais pobres, por conta do esquema histórico de transferência de riqueza do sul para o norte, tanto durante o período colonial como após a segunda guerra, já com as dívidas externas e os bancos multilaterais. E que a filantropia internacional podia ser um desses caminhos de retorno, para fortalecer a sociedade civil tão abandonada e subfinanciada. Isso, sem dúvida, se dá de fato – durante décadas o único recurso que financia as iniciativas da sociedade civil organizada no Brasil vem mesmo de fora do país, haja vista nossa própria história institucional.

A questão com relação a esse apoio internacional é que, quando decidido à distância, nem sempre compreende a fundo a realidade local. Muitas vezes espelha uma agenda incompatível com suas reais necessidades, ou no mínimo

é muito limitada dentro do escopo possível e necessário para provocar as mudanças esperadas. Também deixa de fora uma infinidade de grupos e lideranças que não se encaixam em seus “critérios”, ou não têm ainda condições de cumprir com suas exigências administrativas, mas que fazem sacrifícios imensos para atuar, com impressionante dedicação pessoal de seus colaboradores. E os investidores sociais locais que alocam recursos para financiar as organizações do chamado terceiro setor ainda estão longe de perceber essa necessidade e suprir essa demanda.

Fazer grandes diferenças em questões tão complexas com “um punhado” de pequenos projetos pode parecer impossível e utópico ao olhar destreinado. Muitos, que não têm essa experiência de apoio a pequenos projetos de forma estratégica e coordenada, não conseguem vislumbrar o que um pequeno valor, bem aplicado, pode produzir em termos de resultados concretos e impactos dentro de todo um sistema.

Espero que, a seguir, possamos demonstrar de forma concreta como isso se dá de fato. Na linguagem do negócio, poderíamos dizer que “o retorno pelo investimento” é gigantesco e, na linguagem do pensamento sistêmico, que encontramos os perfeitos pontos de interferência no sistema, os quais provocam resultados de proporções exponenciais e impossíveis de se calcular previamente.

Mais do que tudo, nesse caminho de criar esse fundo socioambiental, percebemos que ajudamos a viabilizar uma nova sociedade. Se ainda não plenamente realizada, sabemos que nossos apoios produzem avanços consideráveis e comprovados em direção a uma sociedade onde a voz de todos possa ser ouvida, onde a cidadania plena encontre caminhos reais para se construir, onde as pessoas não mais se vejam sem poder de ação como eu aos 17 anos, mas tenham a certeza de que estão contribuindo para que todos os humanos, desta e das próximas gerações – assim como todos os Seres – tenham seu planeta preservado, para que o direito a uma vida plena seja uma possibilidade real.

Espero que essa nossa história lhes traga inspiração e um novo olhar sobre essa nossa rica e diversa América do Sul.



Maria Amália F. de Souza, Co-fundadora e Diretora Executiva

Um jeito diferente de ser



O CASA é uma organização sediada no Brasil e que atua em toda a América do Sul. Mobiliza recursos dentro e fora do país para apoiar iniciativas da sociedade civil que, apesar de seu potencial inovador e criativo, capaz de construir grandes mudanças e amplificar suas ações, dificilmente teriam apoio de outras fontes. São ideias e projetos de pequeno porte e grande impacto, mas muitas vezes invisíveis aos olhos da sociedade.

O CASA surgiu da experiência e visão de um grupo de lideranças da área socioambiental brasileira que percebeu a grande oportunidade que pequenas doações poderiam gerar para comunidades e organizações das regiões mais remotas da América do Sul. Com profundo conhecimento dos territórios e contextos locais, o CASA investe em grupos de base para fortalecer a sociedade como um todo, trabalhando nos mais variados temas que se entrelaçam com as questões socioambientais: proteção dos territórios tradicionais, do modo de vida de populações extrativistas e ribeirinhas, segurança alimentar, garantia do direito de voz e interferência no planejamento de megaprojetos que ameaçam a sobrevivência e os direitos de cidadãos.

O grande diferencial do CASA é chegar aonde nenhum outro financiador chega. E essa diferença se dá graças a um complexo sistema de redes e relações que promovem, dia após dia, a democracia, os direitos, a proteção ambiental e a diversidade cultural.

Antes de tudo, o CASA é um espaço de encontro e interação de pessoas que acreditam na convivência harmoniosa entre todos os seres que habitam este planeta, que buscam o respeito aos direitos, à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e participativa, mais equilibrada e feliz.

“O apoio financeiro e o investimento em construção de capacidades do CASA alcança alguns dos lugares mais carentes e empobrecidos do mundo. Acreditamos que o apoio e o fortalecimento dos grupos de base são fundamentais para a resolução de graves problemas locais e globais, para deter os ciclos de ausência de poder da sociedade civil, pobreza e destruição do meio ambiente.

O CASA não apoia projetos isolados. Não estamos sentados atrás de uma escrivaninha esperando o projeto chegar. Fazemos uma ampla análise da região, das ameaças sobre aquele ecossistema e sociedade, do trabalho de outras organizações de médio porte na mesma área. Fazemos a identificação de quem está ali apoiando, com quem estão trabalhando. E depois identificamos, na base, as pessoas que vivem naquele lugar e que não têm acesso aos recursos, mas que são chave para que o trabalho se realize no nível local, promovendo mudanças reais em níveis mais amplos. Nossa atenção e recursos trazem esperança e agregam a energia das comunidades que estão excluídas de outras fontes de apoio disponíveis. Não há investimento melhor do que apoiar pessoas apaixonadas com grandes ideias.”

Maria Amália Souza



Uma base sólida

A proposta de criação do CASA, com base na experiência anterior como Conselho Brasileiro do Global Greengrants Fund – GGF, contou, desde sua concepção, com o apoio do GGF e da Fundação Charles Stewart Mott, que têm apostado nesse modelo orgânico de filantropia social.

O Conselho é formado por pessoas que possuem um olhar profundo e único sobre a realidade e as necessidades das organizações sul-americanas. Pessoas idealizadoras de organizações que partiram do total desconhecimento, há 20 ou 30 anos, e que hoje contam com reconhecimento nacional e internacional.

Por isso, os princípios definidos para o investimento do CASA reforçam o protagonismo de pessoas e instituições locais que influenciam e trabalham no monitoramento e formulação de políticas públicas e na ampla mobilização para atingir seus objetivos; sustentam e capacitam organizações, criando as bases para que se fortaleçam, afirmem sua identidade e captem seus próprios recursos, ampliando seu acesso a novas fontes de apoio.

Assim, mais do que uma instituição que financia projetos, o CASA investe na construção de capacidades, apoiando a constituição legal de organizações, aquisição de equipamentos e custos operacionais, geralmente fora do foco de outras instituições e muitas vezes exigidos como contrapartida por outros financiadores, inclusive pelos fundos governamentais. Investe ainda na estruturação dessas organizações e na formação das pessoas para que possam atuar de forma eficiente, positiva e articulada.

Um olhar criterioso



Os critérios de apoio a projetos e iniciativas são amplos e flexíveis, permitindo a acomodação de muitas linhas de ação. O Conselho da instituição, juntamente com sua equipe, acompanha a realidade de cada local e analisa constantemente os desafios socioambientais em toda a América do Sul, definindo prioridades e estratégias a partir de uma visão mais abrangente da região. Isso possibilita que pequenos apoios, cuidadosamente selecionados dentro do panorama global, produzam impactos que vão muito além do pequeno investimento inicial.

As prioridades de apoio são:

- Organizações socioambientais de base comunitária
- Organizações e redes trabalhando de forma colaborativa
- Necessidades urgentes ou emergenciais
- Projetos que produzam avanços na missão da organização, das redes ou dos movimentos sociais e ambientais como um todo
- Relevância socioambiental
- Claro potencial para impacto estratégico
- Grupos ou regiões sem opções de outros apoios



Território de atuação



“Tenho saudades de um país que ainda não existe no mapa.”

Eduardo Galeano

As alterações provocadas em todo o planeta pela ação humana e suas terríveis consequências não podem mais ser ignoradas. Os temas ambientais estão presentes nas agendas dos governos e do setor empresarial, com forte pressão da sociedade civil por mudanças e uma postura que priorize ações sustentáveis. Apesar da mobilização da sociedade e de grupos específicos, é preciso muito mais para uma mudança real que amenize as consequências da presença humana predatória.

Neste pequeno ponto do planeta, o modelo de ocupação da América do Sul, independentemente da origem espanhola ou portuguesa, sempre esteve voltado para o benefício de poucos, a partir da exploração e do esgotamento dos recursos naturais.

Os ciclos do ouro e da prata, da cana-de-açúcar, do café e das indústrias se sucederam. Em nenhum momento da história as populações nativas e o equilíbrio ambiental foram levados em conta.

Agora chegam as estradas, as hidrovias, as grandes hidrelétricas, a exploração de minérios e do petróleo, os oleodutos e as refinarias, as grandes plantações de soja para exportação e de cana-de-açúcar para o biocombustível. Nas cidades sul-americanas, inchadas pelo êxodo rural, as mesmas questões se avolumam, ligadas à pobreza, à exclusão, à imigração, ao desequilíbrio ambiental, à falta de emprego e de condições dignas de vida.

É dentro desse contexto que o conselho do CASA analisa as questões políticas, econômicas e as ameaças socioambientais para definir estratégias que fortaleçam a democracia e a autonomia da sociedade civil na América do Sul.

O idioma português talvez seja ainda um elemento de isolamento do Brasil dentro da América do Sul, agravado por estratégias políticas que durante séculos afastaram o país das lutas e conquistas do restante da América. Por outro lado, as populações ribeirinhas, indígenas e extrativistas, os pequenos agricultores e populações isoladas dessa região compartilham os mesmos rios, as mesmas cadeias de montanhas e florestas, os mesmos chacos e áreas úmidas. Compartilham também todos os problemas e preocupações decorrentes do modelo de ocupação das Américas e as consequências dos grandes projetos desenvolvimentistas que reproduzem modelos ultrapassados e insustentáveis.

Desde sua criação como uma organização brasileira o CASA está profundamente conectado aos Conselhos Cone Sul e Andes do Global Green Grants Fund, e também à Aliança Global de Fundos Socioambientais (Green Grants Alliance of Funds), estreitando relações e ampliando as articulações e sinergias.

Parcerias criativas



Os recursos aplicados pelo CASA são investimentos provenientes de indivíduos, empresas e fundações interessadas em transformar aportes financeiros em apoios estratégicos efetivos nas questões socioambientais da América do Sul.

Ao longo de anos de experiência e construção de uma rede única de colaboradores, o CASA se especializou em administrar grandes valores, transformando-os numa multitude de pequenos projetos articulados, de eficiência e resultados comprovados.

Instituições internacionais de reconhecida importância, que partilham dessa mesma visão e propósito, são parceiros fundamentais no trabalho. Confiando na capacidade do CASA em gerir os recursos e localizar os atores sociais mais habilitados, essas fundações vêm aplicando recursos em fundos específicos para responder a demandas de temas ou ecossistemas.

Ao longo desses cinco anos, as parcerias criativas estabelecidas e desenvolvidas pelo CASA envolveram os seguintes fundos e fundações:



FUNDO SOJA

Este fundo é constituído com recursos de um pool de fundações holandesas (**Doen, Cordaid, Solidaridad**), do **Blue Moon Fund** e do **Global Greengrants Fund** para apoio a iniciativas que tratam dos efeitos da expansão da produção de soja na América do Sul e seus impactos sobre as populações e ecossistemas. Entre os temas apoiados, incluem-se:

- **Alternativas econômicas sustentáveis** em comunidades indígenas e assentamentos no Mato Grosso, no Maranhão e no sul do Pará, regiões onde o modelo de desenvolvimento está pautado na monocultura da soja e na supressão dos recursos naturais. Nessas regiões foram apoiados projetos de agroecologia, construção de viveiro de mudas, plantio de frutas nativas, seu processamento e comercialização, criação de reserva extrativista e geração de renda para comunidades tradicionais.
- **Monitoramento da expansão da fronteira agrícola** com estudos, levantamentos e georreferenciamento da produção de soja, pesquisa sobre a contaminação das águas e pessoas pelos agrotóxicos; divulgação das informações por meio de publicações; mobilização e envolvimento de organizações de base no tema; registro de denúncias de desmatamentos ilegais para plantio de soja e acompanhamento de processos no Ministério Público Federal.
- **Incentivo à produção de soja orgânica** na agricultura familiar como uma estratégia de resistência aos transgênicos e de construção da agroecologia.

Entre 2006 e 2010, foram 26 doações a projetos, 4 programas de capacitação e um encontro internacional sobre o tema num total de US\$285.000,00.



FUNDO SUL-AMERICANO – FSA

É uma linha de financiamento gestada em conjunto pelo GGF e o CASA, apoiada pela **Fundação CS Mott** e aplicada de forma articulada com os Conselhos Andino e Cone Sul do **GGF** desde 2006. Esse fundo tem como propósito apoiar ações e organizações que trabalhem as questões de infraestrutura e energia na América do Sul, conectando e fortalecendo grupos que confrontam desafios e buscam soluções que atravessam as fronteiras e concernem a mais de um país.

Os objetivos dessas pequenas doações são: criar, fortalecer e mobilizar recursos adicionais para movimentos sociais e ambientais; vincular processos e ações locais com movimentos nacionais e transnacionais; abrir ou criar novos espaços para que os movimentos sociais e ambientais possam incidir sobre políticas públicas que regulam os megaprojetos planejados para suas regiões; mudar a opinião pública acerca das políticas e projetos de desenvolvimento.

No período de 2006 a 2010, foram 114 doações num total de US\$ 500.000,00.





UICN – COMITÊ HOLANDÊS

O Comitê Holandês da União Internacional para a Conservação da Natureza - UICN apoiou, nos últimos cinco anos, dois programas específicos em parceria com o CASA:

- **Desertificação e Áreas Secas (2005-2007)** – Este programa pôde fortalecer capacidades de pequenas organizações de base e comunidades nas regiões do Semiárido Nordeste, Cerrado e Chaco Árido Boliviano e Paraguai, no exercício da democracia, do direito, da proteção ao meio ambiente e garantia de sua sobrevivência com dignidade e sustentabilidade.

As pessoas e organizações contempladas nesses três países estão entre as camadas mais pobres e mais afetadas pela exploração dos recursos naturais, implantação de megaprojetos, expansão das fronteiras da monocultura, desmatamento e desvio de águas que vêm provocando um rápido processo de desertificação e/ou esgotamento do solo.

Na identificação de iniciativas para apoio, o CASA consolidou parcerias com conselheiros e importantes redes regionais como: ASA - Articulação do Semi-Árido, Rede Cerrado e Coalizão Rios Vivos.

Foram apoiados 14 projetos num total de US\$130.000,00.



Fundo de Microprojetos para a Bacia Paraguai-Paraná (2008 a 2010) – Esse programa incide sobre os territórios correspondentes dessa bacia na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. As pequenas doações ajudaram a fortalecer o papel dos atores locais, construíram ferramentas técnicas e promoveram alternativas econômicas sustentáveis, com proteção da biodiversidade e dos recursos naturais. Os resultados alcançados pelos projetos apoiados foram altamente satisfatórios e apontaram para o grande potencial que pequenos apoios têm de ser replicados em diferente escala geográfica e/ou estrutura temática. Os produtos gerados excederam em muito as expectativas do pequeno investimento inicial, comprovando a eficiência dos pequenos fundos quando aplicados em projetos e iniciativas de base.

Foram 18 doações e um intercâmbio entre todos os apoiados, num total de US\$205.000,00.

BLUE MOON FUND

Os recursos do **Blue Moon Fund** focam em dois importantes temas: BR-163 Sustentável e fortalecimento do trabalho socioambiental no Pantanal. Durante 2007 e 2008, o CASA apoiou 19 projetos nesses dois temas, num total de US\$100.000,00.

- **BR-163** – Tem como escopo apoiar o trabalho de organizações e grupos que querem garantir a conservação ambiental da região e a qualidade de vida das comunidades locais sob impacto dessa estrada. O projeto de asfaltamento da BR 163 Cuiabá/Santarém representa um grande desafio, já que seus 1.780 quilômetros atravessam uma das regiões mais ricas do país em recursos naturais, potencial econômico, diversidade étnica e cultural. O trajeto da estrada corta grandes extensões da Floresta Amazônica, do Cerrado e de áreas de transição entre esses biomas, além de bacias hidrográficas importantes, como a do Amazonas, a do Xingu e a Teles Pires-Tapajós.

O Fundo CASA BR-163 possibilitou uma série de ações como: planejamento e desenvolvimento de propriedades demonstrativas com sistemas agroflorestais; treinamento de agricultores na produção agro-ecológica em 10 municípios; produção, distribuição e plantio de mudas nativas; elaboração de um Plano de Intervenção para Áreas Alteradas; treinamento e expansão da apicultura; manejo participativo na recuperação de áreas degradadas; produção e edição de documentários; novas parcerias entre governos municipais e sociedade civil, entre outros.

Foram 9 projetos aprovados num total de US\$50.000,00.

- **Pantanal** – Apoiou organizações e grupos com iniciativas positivas que buscam a conservação socioambiental da região, a qualidade de vida das comunidades locais e ações de monitoramento dos projetos de infraestrutura, passando pelas Iniciativas de Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana-IIRSA, polos minerossiderúrgicos e gás-químico. O Fundo CASA Pantanal produziu impactos diretos como: expansão das parcerias regionais; avanços em políticas públicas com grandes benefícios para as comunidades ribeirinhas; pesquisa e redução da mortalidade das iscas para pesca; fortalecimento das associações de produtores artesanais; a criação do Dia do Rio Paraguai, em Cáceres; tratamento médico para comunidades ribeirinhas; reformas de escolas em regiões remotas, entre outros.

Foram 10 projetos num total de US\$50.000,00.





FUNDAÇÃO INTER-AMERICANA

A cooperação com a Fundação Inter-Americana permite ao CASA financiar e fornecer suporte técnico para ONGs e organizações de base brasileiras que trabalham nas áreas de desenvolvimento social e preservação ambiental.

As áreas estratégicas apoiadas com esses recursos são: a capacitação institucional, de gestão contábil/administrativa, a coordenação de voluntários e captação de recursos; o fortalecimento de redes de organizações, permitindo que coordenem suas atividades e tornem-se polos eficazes de colaboração regional, com participação comunitária nos processos de tomada de decisão locais e participação dos grupos interessados em questões que afetam suas comunidades; o serviço direto, apoiando atividades localmente relevantes, como programas de reciclagem, educação ambiental e manejo florestal sustentável.

Entre os anos de 2009 e 2012 o programa deve apoiar diretamente 30 projetos, oferecer 2 capacitações institucionais para 40 grupos e desenvolver uma série de ferramentas de monitoramento e espaços virtuais para constante troca de experiências entre os apoiados. O programa totaliza US\$300.000,00.



Both ENDS/PSO

Com recursos do Fundo de Capacitação PSO, via **Both ENDS**, o CASA vem realizando projetos que possibilitam a ampliação de capacidade e o fortalecimento da atuação das organizações apoiadas. Esse fundo vem ao encontro da proposta do CASA de construir ferramentas para que os apoiados tenham maior eficiência e autonomia e possam ampliar suas ações, contribuindo assim para a sustentabilidade das instituições participantes.

Foram realizadas nove oficinas de qualificação que enfocaram: Planejamento e desenvolvimento institucional, Comunicação e treinamento de líderes, Voluntariado, Captação e mobilização de recursos, Instrumentos de gerência legal e contábil. Em 2007 foram realizadas duas oficinas com membros de 10 instituições apoiadas, e em 2010-2011 aconteceram sete oficinas no Brasil e na Argentina, para cerca de 120 instituições apoiadas pelo CASA na América do Sul. Além de oferecer as capacitações, os materiais didáticos são disponibilizados em Português, Espanhol e Inglês para distribuição entre parceiros da Aliança Global de Fundos Socioambientais.

O programa total, entre 2007 e 2011, conta com US\$160.000,00.



Flow Funding

O CASA integra a rede de apoio do **Flow Fund Circle**, recebendo e se responsabilizando pela distribuição e acompanhamento de suas doações no Brasil. Essas doações podem atender a indivíduos e instituições, e os critérios para aplicação são os mais flexíveis. Segundo sua fundadora e mantenedora, Marion Rockefeller Weber, mais do que investir em pessoas empreendedoras ou bons projetos, o intuito é inspirar em todos o espírito da filantropia, da abundância e da energia construtiva proporcionada pelo fluxo constante de recursos entre as pessoas alinhadas em fazer o bem.



Foram 160 doações até 2010. O programa contempla apoios até 2011, num total de US\$340.000,00.

“Que os rios da fortuna possam correr livres sobre a terra. Que os oferecimentos se movam por mais e mais mãos, até que todos tenham experimentado a abundância da Vida.”

Marion Rockefeller Weber

Global Greengrants Fund



O Global Greengrants Fund foi o grande inspirador e incentivador na criação do CASA. Com seu sólido investimento durante os últimos 5 anos, o CASA pôde determinar e apoiar áreas de prioridade definidas por seu Conselho Deliberativo, a partir de avaliações anuais de conjuntura. Isso permitiu uma importante flexibilidade de ação em temas considerados primordiais no trabalho socioambiental.

As áreas estratégicas que permanecem no foco de atuação do CASA e canalizaram recursos desse fundo são: biocombustíveis, agroecologia, mudanças climáticas e povos nativos – com a criação, em breve, do Fundo Latino-Americano de Direitos Indígenas, em parceria com os membros latino-americanos da Aliança Global de Fundos Sócio-Ambientais. Algumas das novas áreas priorizadas pelo CASA são o ambiente urbano, onde se concentram 70% da população da América do Sul, e as áreas costeiras e marítimas do Atlântico e do Pacífico.

Em temas de alta relevância ambiental, como o sul da Bahia, por exemplo, o delicado e frágil ecossistema local, antes formado pela Mata Atlântica e ricos manguezais, está ameaçado pelo polo de desenvolvimento petroquímico regional, por empreendimentos imobiliários e pela carcinicultura. Organizações locais se juntam em ações que mobilizam a sociedade civil, levam informações sobre os impactos desses projetos e buscam a proteção do ecossistema e a criação de alternativas sustentáveis para a sobrevivência das populações com forte presença de afrodescendentes e indígenas.

Foram 154 projetos, de 2005 a 2010, num total de US\$ 740.000,00.

“Por muitas décadas, a visão convencional e a burla era de que o ‘Brasil é a nação do futuro, e sempre será’. Mas as coisas mudaram. Agora temos o CASA.

O Brasil agora é visto como uma liderança econômica para toda a América Latina, a bacia amazônica é considerada o ‘pulmão do mundo’, e a sociedade civil brasileira está na vanguarda de uma mudança dramática na geopolítica global para a transparência, a responsabilidade e a sustentabilidade.

Logo após a Rio 92, no Rio de Janeiro, o Global Greengrants Fund surgiu para apoiar pequenos projetos de grupos de base no Brasil e em outras partes do mundo. Inicialmente constituíamos uma colaboração entre diversos fundos sediados na Tides Foundation em San Francisco, Califórnia, junto com o Fundo Caribou, a Fundação Damien e, eventualmente, a Fundação Francisco, as duas últimas associadas ao filantropo brasileiro Humberto Mafra.



Com o tempo, essas três pequenas fundações se fundiram no Global Greengrants Fund e começaram a fazer pequenas doações de forma colaborativa, embasadas no conhecimento único de uma rede de conselheiros informais brasileiros. Queríamos abordar as mais difíceis questões de conservação ambiental e justiça social a nível dos grupos mais excluídos da sociedade.

Depois de quase 10 anos aconselhando o Global Greengrants sobre nossas doações, entre 1994 e 2004, o CASA surgiu como um dos primeiros defensores da filantropia socioambiental no Brasil. Um fundo brasileiro legalmente instituído que se especializou em fazer pequenas doações de alto impacto para proteger o meio ambiente e, fundamentalmente, para também impulsionar a justiça social, sendo o primeiro membro independente da recém-criada Greengrants Alliance of Funds.

Apesar dos desafios resultantes da negligência prolongada em relação a esse setor da sociedade civil no Brasil, o CASA gradualmente ganhou o respeito do movimento social e de líderes do investimento social privado no Brasil, indo contra todas as probabilidades.

Mas a perseverança valeu a pena para o CASA e para a Greengrants Alliance of Funds. Ao demonstrar o poder de suas conexões às redes globais, o CASA ganhou uma reputação de filantropia visionária, transparente e responsável no Brasil e, cada vez mais, em toda a América do Sul. Sob a liderança dedicada de Maria Amália Souza, o CASA agora toma o seu lugar no topo da curva do investimento social no Brasil, envolvendo-se efetivamente em múltiplos setores.

Enquanto o financiamento internacional de proteção ambiental e mudança social ainda é necessário no Brasil num futuro próximo, o CASA tem se posicionado para desempenhar, na próxima década, um papel cada vez mais importante no setor da filantropia no país.

O sucesso do CASA demonstra que o Brasil é agora a nação do presente e do futuro.”

Chet Tchozewski, fundador, Global Greengrants Fund



Charles Stewart Mott Foundation

A Fundação Mott tem sido a parceira mais sólida e comprometida com a missão do CASA ao longo de todos esses anos. A parceria se fundamenta em princípios convergentes das duas instituições, principalmente na certeza de que investimentos para melhorar a capacidade dos indivíduos, famílias ou instituições a nível local promovem uma mudança em todo o sistema, levando a uma sociedade justa, equitativa e sustentável.

O apoio da Fundação Mott tem sido fundamental para a estruturação, desenvolvimento e consolidação institucional e operacional do CASA.

O apoio institucional da Fundação Mott ao CASA até o presente soma US\$540.000,00.

“Parece-me que todas as pessoas estão sempre numa espécie de parceria informal com sua comunidade. Seu sucesso pessoal depende, em grande medida, de sua própria comunidade. E a comunidade, afinal, é a soma total dos indivíduos que a compõem. As instituições de uma comunidade, por sua vez, são os meios pelos quais os indivíduos expressam sua fé, seus ideais e sua preocupação com outros homens.”

Charles Stewart Mott, 1875-1973

“O relacionamento da Fundação Charles Stewart Mott com o Centro de Apoio Sócio-Ambiental (CASA) começou quando o CASA não era mais do que uma ideia criativa comentada durante o Fórum Social Mundial de Porto Alegre em 2003. A Mott apoiou um projeto de planejamento para esse grupo, que na época constituía o Conselho Brasil do Global Greengrants Fund, para que pudesse explorar as possibilidades de transformar esse conceito em realidade. Dois anos mais tarde, o CASA emergiu como uma organização brasileira oficial. E logo em seguida a Fundação Mott aprovou um projeto de apoio operacional diretamente para o CASA. Esse relacionamento continua sendo produtivo até hoje.

Para o Programa de Financiamentos Internacionais e Sustentabilidade (IFS) da Fundação Mott, a América do Sul é uma região foco – o lugar onde “a coisa pega” para nossa estratégia de políticas públicas globais na questão de financiamentos públicos

sustentáveis. Durante a última década, os governos da América do Sul, com o apoio das instituições financeiras internacionais e bancos privados, embarcaram num programa ambicioso de integração regional via investimentos na infraestrutura de transporte (rodovias, hidrovias e portos). O governo brasileiro é um ator importante nesse processo de integração regional, tanto pelo porte da economia brasileira, como porque o seu banco nacional de desenvolvimento (BNDES) se tornou a maior fonte de financiamento para projetos de infraestrutura em várias partes da América do Sul. Investimentos em infraestrutura cresceram também por conta da expansão do setor energético – petróleo e gás, usinas hidrelétricas, e biocombustíveis. Decisões de como e onde focar esses investimentos terão implicações duradouras para a sustentabilidade de ecossistemas, dos modos de vida tradicionais, assim como para a mudança climática.

Por que uma fundação que promove finanças públicas com sustentabilidade ambiental precisa apoiar um fundo de pequenos projetos? Como diz a diretora do CASA, Maria Amália Souza, num vídeo gravado para os diretores da Mott no ano passado, oferecer apoio para organizações pequenas, de base comunitária é crucial “para tornar visível o invisível” aos olhos das autoridades que devolvem e implementam políticas públicas. Pelo fato de viabilizar a amplificação das vozes locais, os pequenos apoios ajudam a criar uma ponte entre as realidades locais e as amplas mudanças nas políticas públicas que os programas IFS da Mott buscam alcançar.

Nos últimos cinco anos, o crescimento e desenvolvimento do CASA tem sido paralelo ao desenvolvimento do portfólio de apoios da Mott no Brasil e na América do Sul. Muitos dos grupos apoiados atualmente pela Mott começaram com pequenos apoios do GGF e do CASA. Mais de três quartos dos atuais apoiados da Mott na região receberam pequenos apoios do CASA no passado, ajudaram a recomendar e administrar apoios do CASA para seus parceiros de base comunitária, ou serviram formal ou informalmente como conselheiros do CASA.

Estamos muito contentes de ter sido parceiros do CASA desde o início, e queremos continuar a aprender juntos no futuro”.

Amy Shannon Fundação Charles Stewart Mott, Flint, Michigan, EUA.

O caminho dos projetos



Os projetos chegam ao CASA por diversas vias. Conselheiros, parceiros, redes de relação e antigos apoiados recomendam projetos e orientam os grupos ou pessoas com potencial para o apoio por meio do preenchimento de um formulário especialmente elaborado. Temas e áreas de ação específicas são contemplados em editais ocasionais, num processo de seleção dentro de estratégias definidas.

A análise é feita por membros do Conselho do CASA e os recursos são transferidos sem burocracia e com agilidade para atender de forma eficiente às necessidades locais. Os projetos são depois acompanhados de perto pela equipe, conselheiros e parceiros, garantindo a aplicação eficiente dos recursos, o monitoramento, a análise da situação local e dos avanços gerados pelo apoio.

Os principais temas cobertos pela ação do CASA são: infraestrutura e energia, clima, cidades, floresta, questão indígena, águas, agendas globais e transição para a sustentabilidade, acomodando dezenas de subtemas e temas transversais, numa ampla visão do continente sul-americano, com recortes por biomas, programas específicos, necessidades emergenciais e estratégicas, além de um foco específico na construção de capacidades.





Atuação nos biomas

Nestes cinco anos de vida, são quase quinhentos projetos apoiados, milhares de pessoas beneficiadas nas florestas, campos, rios e cidades, em nove países da América do Sul. Pequenas doações que fizeram a diferença!

Entre os anos de 2005 e 2010, o CASA fez um total de 497 doações, a projetos e indivíduos, num montante de US\$1.800.000,00 (R\$3.700.000,00), dentro de sua estratégia de ação por biomas: Áreas Secas, Áreas Úmidas: Bacia Paraguai-Paraná, Cerrado, Mata Atlântica, Amazônia, Semiárido, Pampa, Cidades. Além do apoio objetivo a iniciativas e projetos, a construção de capacidades, formação de pessoal e apoio institucional são prioridades do CASA que têm mobilizado recursos importantes em formação, cursos, encontros, seminários, com o expressivo montante de US\$ 205.000,00 (R\$ 417.692,45).



Em cada um desses biomas, a ação do CASA tem sido igualmente fundamentada na realidade e demanda local, com perspectivas de resultados amplificados pela forma inovadora de trabalho. O CASA analisa e compreende o panorama geral, identifica os atores e as instituições que já trabalham nesses lugares, os principais problemas e desafios locais e levanta, através dos parceiros, as iniciativas e projetos que podem ser apoiados com pequenos recursos, alcançando grandes impactos de forma interligada, podendo assim produzir resultados amplos para os temas e regiões em questão.

“Podemos afirmar que a partir do primeiro projeto do CASA apoiando a Arirambas, antes mesmo de estar registrada, com ajuda para os primeiros passos e sendo sensível às reais necessidades das comunidades, adquirimos força para o aumento de credibilidade da nossa instituição perante os ribeirinhos. No primeiro projeto desenvolvido contávamos somente com 11 pessoas envolvidas diretamente; hoje o número aumentou



para aproximadamente 35 famílias, que estão percebendo que existem outras organizações que nos dão suporte para a implantação de sistemas diferenciados de desenvolvimento, comprovando as possibilidades de projetos socioambientais darem certo.

O apoio do CASA também abriu portas para parcerias com o Ministério do Meio Ambiente. As máquinas doadas para a oficina de marcenaria e o material para iniciar o viveiro de mudas foi essencial, sem falar no computador doado antes mesmo de termos CNPJ; a partir disso estamos começando parcerias até com instituições internacionais e estreitando nossas relações com as associações e órgãos públicos locais.

O projeto da Arirambas abrange todos esses pontos, que estamos desenvolvendo de forma contínua e interligada. A marcenaria é a primeira ação que já está independente, gerando renda e sustentando seus gastos; já foram feitos diversos móveis, canoas, remos e outros utilitários e estamos planejando uma exposição na cidade, em breve.”

Siomara da Costa Alves, Arirambas, Porto Velho/RO



Áreas Úmidas: Bacia Paraguai-Paraná

Cinco países compõem o sistema de bacias dos rios Paraguai e Paraná: Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Esse é o maior corredor de áreas úmidas de água doce do mundo, segundo a IUCN – União Internacional para a Conservação da Natureza.

Mais de 20 milhões de pessoas vivem nesse ecossistema: indígenas, comunidades tradicionais, urbanas e rurais. A região é rica em biodiversidade, recursos naturais, conhecimentos locais e tradicionais, com grandes oportunidades para iniciativas de desenvolvimento em bases sustentáveis.



Durante os três anos de implementação de projetos específicos para essa área, 18 pequenas organizações foram beneficiadas por doações, em quatro países: Argentina, Uruguai, Brasil e Paraguai.

Significativos resultados foram alcançados em 14 regiões localizadas ao longo da bacia Paraguai-Paraná, entre eles a proteção da biodiversidade, a

promoção do planejamento coletivo de territórios, a implementação de educação ambiental focada em jovens e crianças e a melhoria nas condições de vida de diferentes comunidades.

Outros produtos resultantes desses apoios são a realização de estudos técnicos, relatórios, vídeos, capacitações, a impressão e distribuição de guias, a promoção de cursos, seminários e encontros, a criação de novas ONGs e cooperativas e a potencial identificação e reconhecimento governamental de cinco novas unidades de conservação no Uruguai e no Brasil.

O intercâmbio entre os vários atores e organizações apoiadas também permite a cooperação, a circulação de informações importantes e a formulação de estratégias de ação que garantem avanços mais efetivos.

O CASA desenvolve estreitas relações com redes temáticas e locais, potencializando sua ação. Nesse programa, contou com as Rede Aguapé de Educação Ambiental do Pantanal, Rede Pantanal de ONGs e Movimentos Sociais e com o Grupo para la Protección Ambiental Activa – GRUPAMA, do Uruguai, além do Conselho Cone Sul do Global Greengrants Fund.

O GRUPAMA, por exemplo, desenvolve o projeto “Fortalecimento da Área de Proteção Ambiental Rincón de Franquía e Implemento do Parque Trinacional”, localizado na afluição dos rios Cuareim e Uruguai, na cidade de Bella Union, fronteira com a Argentina e o Brasil. Com o pequeno apoio do CASA, o GRUPAMA conseguiu grandes resultados e avanços, conquistando novos parceiros e a cooperação de universidades, governo e sociedade civil. A identificação de uma área de proteção ambiental e a implementação de atividades de ecoturismo com a capacitação e a manutenção de serviços, está prestes a se converter no Parque Trinacional.

Entre os muitos projetos apoiados nesse ecossistema dentro do Brasil, o “Empoderar para conservar: uma alternativa para as famílias de Antonio Maria Coelho seguirem com sua produção agrícola”, da Associação dos Moradores da Comunidade de Antônio Maria Coelho, Mato Grosso do Sul, é um exemplo da diversidade de questões enfrentadas pela população destituída de voz e direitos na região.

Essa comunidade, às margens da BR 262, no município de Corumbá, é uma das afetadas pela implantação do polo minerossiderúrgico na região. Ignorados nesse processo, em que são os atores mais frágeis e sem poder político, os moradores se organizaram e fundaram a Associação para defender seus direitos de cidadãos. Dentre as iniciativas da associação estão a mobilização para garantir a preservação de cursos d'água e minas de água doce, a discussão sobre o impacto do polo, que compromete a qualidade ambiental com a poluição do ar, do solo e da água e o desenvolvimento de pesquisas e práticas agrícolas tradicionais da comunidade ligadas à atividade extrativista do fruto da palmeira bociáúva.

“Ao avaliar e ver todo o caminho percorrido por essas mulheres, donas de casa que hoje correm atrás de seus objetivos e enfrentam grandes corporações como a Vale e a MMX para garantir seus direitos, avalio que seria muito mais difícil se não tivessem o apoio do CASA.

Um apoio específico voltado para organizações recém-formadas é crucial. Para alguns pode ser pouco recurso, porém é o necessário para atingir as metas de curto prazo estipuladas e encorajar a seguir em frente. A Associação de Maria Coelho tem muito a agradecer ao CASA e espera sempre poder contar com seu apoio.”

Patrícia Zerlotti, diretora institucional da Ecoa e coordenadora de projeto voluntário da Associação de Moradores de Antônio Maria Coelho, Campo Grande/MS

“Comenzamos trabajando como una asociación civil sin fines de lucro y con el primer apoyo de CASA logramos convertirnos en una ONG con personería jurídica. Esto nos ocasionó algunos dolores de cabeza pero también nos facilitó el acceso de muchas gestiones. Para la Fundación, estar institucionalizado es importante. Hasta ese hito nos dedicábamos a trabajar en aspectos teóricos, materiales didácticos, artículos periodísticos. Estábamos más abocados a la tarea de difundir ideas y a partir de la institucionalización convocamos a otras personas, entre ellas, biólogos, arqueólogos, ingenieros, arquitectos, profesores de historia, se nos acercó gente de distintas disciplinas para ver cómo colaborar.”

Fundación Encuentro por la Vidai, Nidia Bibiana Pyñeiro, Argentina

Amazônia

Complexo Madeira



A floresta amazônica é a maior floresta tropical do planeta. Corresponde a 40% do território da América do Sul. Ocupa a metade do Brasil e grande parte da Colômbia, Peru, Bolívia, Equador, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. É equivalente a 1/3 das reservas de florestas tropicais úmidas no mundo, o maior banco genético do planeta e contém 1/5 da disponibilidade mundial de água doce, além de um patrimônio mineral não mensurado.

Toda essa riqueza e diversidade vêm sendo sistematicamente ameaçadas. Estatísticas mostram o aumento progressivo no número de quilômetros quadrados desmatados de forma ilegal. Novos projetos de infraestrutura

são planejados e implementados sem estudos de impacto, sem a consulta e participação das populações diretamente afetadas, gerando violência e desequilíbrio.

A busca de soluções e alternativas sustentáveis se multiplicam com a organização da sociedade civil e de iniciativas e projetos criativos que mobilizam pessoas e organizações apoiadas pelo CASA dentro e além das fronteiras do Brasil.



Dentre os muitos projetos apoiados nesse bioma, destacam-se os relacionados ao Complexo Madeira, um polo de desenvolvimento no noroeste do Brasil, no estado de Rondônia, atravessando as fronteiras da Bolívia e do Peru.

Com investimentos pesados da Iniciativa de Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana-

IIRSA, essa região é palco de inúmeros projetos de hidrelétricas, hidrovias, ferrovias, asfaltamento de estradas e instalação de empresas de apoio aos megaprojetos da região.

O apoio do CASA, por meio de pequenas doações, foi de fundamental importância para a constituição de ao menos duas organizações nessa região: o Instituto Madeira Vivo – IMV, e a ONG Arirambas, que receberam aportes iniciais para se constituírem legalmente e se capacitarem na captação e gerência de recursos próprios para realização de projetos.

O CASA também contribuiu para a organização de um núcleo do Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, em Porto Velho/RO, voltado especificamente para o Complexo do Madeira. O objetivo principal dessas organizações, juntamente com o FOBOMADE – Foro Boliviano sobre Medio Ambiente y Desarrollo de La Paz, Bolívia, era o de intervir no processo de construção das usinas hidrelétricas de Jirau e de Santo Antônio, denunciando os impactos ambientais e sociais das obras sobre as famílias ribeirinhas, comunidades rurais e indígenas afetadas.

Essas ações contribuíram efetivamente para criar e fortalecer capacidades locais, individuais e coletivas, de resistência e enfrentamento dos agentes públicos e privados responsáveis pelo Complexo do Madeira. Permitiram a constituição de um núcleo crítico e independente que pode dar visibilidade ao processo que se está instalando no Alto Rio Madeira.



Possibilitaram ainda o amadurecimento de parte dos movimentos e organizações para atuarem neste novo momento em que as barragens e hidrelétricas estão sendo instaladas, intermediando negociações de reassentamento das famílias, reivindicando ações compensatórias, criando novas perspectivas de geração de renda e economia sustentável.

Praticamente todas as organizações apoiadas conseguiram mobilizar outros recursos, financeiros ou não, em apoio aos objetivos dos projetos originalmente apresentados e apoiados.

“O Centro de Apoio Sócio-Ambiental – CASA foi fundamental na constituição do Instituto Madeira Vivo – IMV, em 2006, o qual estava sendo articulado desde 2005. Mas na hora de ir a campo, no enfrentamento do Complexo Hidrelétrico do Madeira, em defesa dos ameaçados, muitos atores sociais organizados pularam fora do barco no Madeira.

Quando começamos a articular com a Coalizão Rios Vivos, o CASA foi indicado e prontamente apoiou a formalização do IMV e seus primeiros passos na elaboração de materiais informativos para conscientizar a população da beira do rio e da cidade de Porto Velho.

Foi por meio do CASA que outros atores sociais vivendo na beira do Madeira tiveram a oportunidade de articular suas lutas por direitos e geração de renda... A partir do Madeira Vivo foi possível construir a Aliança dos Quatro Rios: Madeira, Teles Pires, Tapajós e Xingu. Com o apoio do CASA aconteceu o primeiro encontro em agosto de 2010, o que fortaleceu a luta dos atingidos e expulsos pelas obras do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC na PanAmazônia, gerando novas articulações com povos da fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru.

Diante disso, nós, do IMV, temos grande apreço pelo apoio do CASA, não somente pela parceria financeira, mas pela presença de membros do CASA em vários momentos de nossa luta e no contato baseado no coração, na construção de novos paradigmas rumo ao bem viver!.”

Iremar Antonio Ferreira, Diretor do Instituto Madeira Vivo – IMV, Porto Velho/RO

Bacia do Rio Xingu



A bacia do Rio Xingu, pela importância desse ecossistema e pelas graves ameaças que vem enfrentando, também merece atenção especial do CASA. Algumas iniciativas como as relacionadas à expansão da soja nessa região têm apoio de programas específicos. Outras recebem aportes pela emergência e abrangência das ações, como o Movimento de Mulheres Trabalhadoras de Altamira do Campo e da Cidade, o Movimento Xingu Vivo para Sempre, a Associação Nacional dos Atingidos por Barragens e a Comissão de Organização das 4 bacias: Madeira, Tapajós, Xingu e Teles Pires.

Essas organizações foram fundamentais no processo de esclarecimento e mobilização de uma população que vive dispersa ao longo dos rios, sem comunicação e mobilidade, sobre a construção das barragens e o impacto das obras em suas vidas. Recursos para transporte, realização de reuniões, participação em audiências públicas e negociações com agentes do governo, permitem a presença de lideranças locais, ribeirinhos, indígenas e extrativistas num processo em que antes não tinham voz.



“O CASA tem sido uma instituição muito importante em nossa vida. Tem nos apoiado bastante ao longo destes anos nas mobilizações contra a hidrelétrica de Belo Monte. Sem esse apoio não teríamos como levar informação para as comunidades distantes sobre seus direitos.

O Brasil tem essas dimensões enormes. Tudo é muito longe e o acesso é difícil aqui no Pará. O transporte é caríssimo e as pessoas têm muita dificuldade em se locomover. Por isso o apoio do CASA é fundamental. Sem os recursos para nos locomovermos, chegarmos às comunidades, levarmos informações e ouvirmos o que pensam, e também para eles virem para a cidade, não seria possível a mobilização. O CASA compreende nossas necessidades, entende o que muitas outras organizações não

conseguem ver... a importância do recurso para a mobilização. Isso sem burocracia, de um jeito muito acessível às condições de nosso trabalho.”

Antonia Melo da Silva, Coordenadora do Movimento Xingu Vivo para Sempre, Altamira/PA



Além das questões que envolvem as barragens e hidrelétricas na Bacia do Xingu, as comunidades sofrem ameaças decorrentes da expansão da fronteira agrícola. Os diversos atores sociais identificados e apoiados pelo CASA nessa região se articulam numa rede que viabiliza o diálogo e ações coordenadas.

Um exemplo dessa articulação é o intercâmbio de experiências entre a Associação Indígena Kisêdjê, do Parque Indígena do Xingu, com seu projeto de plantio e manejo de variedades tradicionais de pequi, mangaba, jenipapo e urucum, e a Associação Agroecológica Estrela da Paz, do Assentamento Brasil Novo, em Querência, que desenvolve projetos de recuperação de matas ciliares e implantação de agroflorestas. Tanto os assentados quanto os Kisêdjê, povos de culturas e origens distintas, são parceiros da Campanha Y Ikatu Xingu, coordenada pelo Instituto Socioambiental-ISA, e da Rede de Sementes do Xingu e integram as campanhas de mobilização e informação sobre os impactos da construção de hidrelétricas na região.



“Ficamos muito felizes com o apoio. O projeto com o CASA em 2006 foi o primeiro projeto da Associação. Estávamos tentando plantar, mas não conseguíamos apoio de ninguém. Aprendemos muito. Com o segundo projeto, em 2010, a gente foi ficando cada vez mais próximo, lutando junto. A gente seguiu avançando, conseguiu outros projetos. Estamos muito contentes e gratos pela parceria. O CASA pode contar com a gente sempre que precisar, estamos juntos nessa força, pra gente crescer junto.”

Winti Suyá, líder do povo Kisêdjê. Parque Indígena do Xingu/MT

O CASA apoiou ainda, na Amazônia peruana, a Organización Indígena Pakitzapango, do povo Ashaninka, em ações de defesa legal de seus direitos coletivos e cidadãos, desenvolvendo a estratégia legal e a comunicação com a sociedade civil e as autoridades de Lima e Satipo.



“Es impresionante lo que una pequeña donación puede lograr. Las contribuciones de CASA han jugado un papel muy importante para ayudar a la Central Ashaninka del Río Ene en la defensa del río al interponer una acción legal, que paro la Represa Pakitzapango en Perú. Similares contribuciones han ayudado a otras comunidades en Colombia para movilizarse para defender los ríos de la construcción de proyectos dañinos de represas, tales como el Quimbo, y conversar con los que toman decisiones para que consideren otras opciones energéticas. Hay momentos en que unos pequeños fondos ayudan enormemente a realizar acciones, que al final se traducen en la lucha por una vida digna y sostenible.”

Monti Aguirre, coordinadora do Programa Latino-Americano – International Rivers

Áreas Secas e Semiárido



Cerrado

O Cerrado abrange 23% do território brasileiro, ocupando toda a região central, do norte de São Paulo – passando por Minas Gerais, Goiás e Tocantins – até o Maranhão. Esse rico bioma guarda a segunda maior biodiversidade de espécies da América do Sul, superada apenas pela Amazônia. É também chamado o “berço das águas”, porque nascem ali os rios formadores das principais bacias hidrográficas do país e do continente sul-americano.

Apesar disso, o Cerrado é o bioma menos protegido do país. Nos últimos 60 anos, seus vastos campos foram “descobertos” pelo agronegócio e ocupados por extensas áreas de monocultura de arroz e pastos, depois de soja e, mais recentemente, de cana-de-açúcar, além da produção de carvão. Cerca de 60% do Cerrado foi desmatado e



grande parte das pastagens no bioma já estão degradadas. A taxa anual de desmatamento é alarmante: três milhões de hectares por ano.

Esse desastre ambiental se traduz também em perdas de ordem social e cultural. Povos indígenas e populações que ocupam historicamente essa região perdem seus territórios tradicionais, tomados ou cercados por fazendas que desmatam e despejam no solo e nos rios agrotóxicos que afetam a saúde

e a sobrevivência dessas populações.

Para enfrentar essa realidade, o CASA mantém um programa específico que apoia ações ligadas à expansão da soja, já detalhado no capítulo Parcerias Criativas, e investe em outras iniciativas como essas.

Criada durante a Rio-92, a Rede Cerrado de ONGs possui 72 entidades filiadas, entre associações de base comunitária e ONGs. Uma centena de outras entidades participam regularmente de seus eventos e debates, especialmente do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado e do Grito do Cerrado, realizados anualmente. Além de um Colegiado e um Comitê Executivo, a estrutura da Rede Cerrado conta com quatro articulações temáticas: Agroextrativismo; Pacari de Plantas Medicinais; Certificação Participativa e Rede de Cultura do Cerrado.

A Agrotec, em Diorama, Goiás, vem desenvolvendo há mais de 10 anos um trabalho pioneiro de conscientização da população do cerrado sobre a diversidade e importância desse bioma e de pesquisas para identificação de plantas, seus usos e alternativas econômicas do extrativismo na região. Conseguiram implantar um centro de pesquisa, capacitação e difusão dessa informação e ações de certificação de medicamentos fitoterápicos, abrindo possibilidades de novos negócios que preservam o cerrado.



“O apoio do CASA foi fundamental em vários momentos da Agrotec, principalmente nesse último período para a aproximação com a comunidade Xaxante da Reserva de Pimentel Barbosa.

Recebemos as lideranças aqui e foi proposto por eles o treinamento para obtenção de forma mais segura e duradoura de seus extratos de plantas nativas para uso exclusivo de seu povo nas aldeias e o controle dos medicamentos que usam.

Posso dizer que esta experiência foi fantástica. Nos relatos, os velhos dizem que nossos medicamentos foram recolhidos pelos espíritos em sinal de aprovação.”

Solange dos Santos Castro – Agrotec, Diorama/GO



Caatinga



O bioma Caatinga é o principal ecossistema na Região Nordeste do Brasil, se estendendo pelos 9 estados dessa região geográfica, além do norte de Minas Gerais. Apesar de estar localizado em área de clima semiárido, apresenta grande variedade de paisagens e riqueza biológica.

A ocupação antiga da região ocasionou uma grande alteração nos ecossistemas do bioma com a substituição de espécies vegetais nativas por cultivos e pastagens. O desmatamento e as queimadas, práticas comuns da agropecuária local, destroem a cobertura vegetal, prejudicam a fauna silvestre, a qualidade da água e o equilíbrio do clima e do solo, levando à desertificação.

É também nessa vasta região do nordeste brasileiro que está a população mais desassistida, com índice de pobreza extrema superior a 60%. Famílias que enfrentam as duras condições climáticas, a pobreza do solo, a escassez de água e o abandono pelos poderes públicos.

Para enfrentar essa realidade também árida, o CASA vem apoiando diversas iniciativas de qualificação de atores da sociedade civil, combate à desertificação, conservação da biodiversidade e promoção do desenvolvimento sustentável. Um dos parceiros importantes na identificação de projetos é a Articulação no Semi-Árido Brasileiro – ASA, que congrega cerca de 750 entidades dos mais diversos segmentos, atuando para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do semiárido. O Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), o projeto demonstrativo do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) e o Programa Bomba D'Água Popular (BAP) são as atuais ações geridas pela ASA.

A ASA também tem debatido dois temas que têm refletido na realidade do povo do Semiárido e que são a desertificação e a produção do biodiesel através do cultivo de oleaginosas.

Dentro dessa estratégia foram apoiados os projetos do Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental – IDESA e do Instituto Maranhense de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – IMARH, para produção de materiais paradidático e de apoio institucional a serem utilizados principalmente nas oficinas de “Qualificação de Atores da Sociedade Civil em Estratégias de Combate à Desertificação e Implementação do PAN-Brasil”.

Outro exemplo de sucesso é o do Fórum Permanente de Defesa do Rio São Francisco e Coalizão pela Proteção do rio São Francisco, que realizou a maior campanha pela sua revitalização, conseguindo, por muito tempo, suspender o processo de transposição do rio São Francisco.

Conhecido como o rio da integração nacional, o São Francisco tem 2.700 km de extensão, atravessando 5 estados brasileiros até desaguar no Oceano Atlântico, banhando 503 municípios, com uma população de 14 milhões de pessoas em 640 mil Km² de bacia hidrográfica. Os problemas que afetam a saúde e sobrevivência desse rio são inúmeros: o desmatamento de suas margens atinge 95%, com 18 mil toneladas de poluição jogadas em suas águas anualmente. Sete represas, assentamentos inadequados, projetos de irrigação e o plano de transposição completam um quadro preocupante.



A campanha mobilizou todos os segmentos da sociedade, pressionou órgãos públicos, promoveu seminários, encontros, audiências públicas, produziu e distribuiu milhares de materiais educacionais.

“O apoio do CASA foi muito importante para a Associação Nova Vida. Nós queríamos divulgar o conhecimento sobre agroecologia na nossa região, mas não conseguiríamos sem apoio. Os técnicos aqui do interior do Maranhão nem conheciam o tema. Tivemos de buscar técnicos de fora. Realizamos um treinamento de profissionais e de agricultores da região em agroecologia, consórcio de culturas, consórcio com animais, tratamento de doenças dos pequenos animais... Depois fizemos um trabalho de identificação dos frutos do cerrado, como reconhecer no campo, como proteger essas frutas, colher, processar, despolar, embalar... Estudamos as leis ambientais, a preservação do cerrado... Como conclusão, tivemos 68 pessoas diplomadas. Se não

tivéssemos tido o apoio do CASA, os resultados não teriam sido na mesma proporção e qualidade. Mas o que é mais importante, além dessa diplomação, é a consciência ambiental que esse povo tomou. É ver que a coisa não parou. Essa formação foi só o pontapé inicial. Foi um despertar para as novas possibilidades! Uma porta se abriu e clareou uma luz. Já estamos pensando: e agora? O que vamos fazer com esse conhecimento? Vamos fazer um estudo de viabilidade para comercialização dos frutos do cerrado. Não vamos parar...”

João Fonseca, Associação Nova Vida, Balsas/MA

“Durante minhas viagens para visitar os projetos do CASA, conheci Murilo Drummond, da Amavida, um grupo ambientalista lutando em várias frentes no estado do Maranhão, região particularmente sensível por ser um ecossistema de transição onde a floresta amazônica encontra o ‘sertão’ nordestino ou caatinga, e ainda mais desafiador por representar o pior do Brasil em termos de política patronal. Em Petrolina, nas margens do degradado Rio São Francisco, conheci Nadja Maria Guedes Farfán, de um grupo chamado Aguavale. Ela, e outros ativistas, se mobilizavam contra os planos do então Presidente Lula, que investia o capital da sua imensa popularidade para assegurar a construção de um grande, e ambientalmente desastroso, projeto de transposição desse rio.”

Bill Hinchberger, jornalista, presidente do Hinchberger Consulting, França, Brasil e Estados Unidos



Mata Atlântica

A Mata Atlântica ocupava toda a extensão da costa brasileira, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, da região litorânea aos planaltos e serras do interior. Hoje, menos de 7% desse importante e rico bioma sobrevive à intensa ocupação de áreas que concentram 70% da população brasileira.

A Mata Atlântica é um dos mais ricos conjuntos de ecossistemas em diversidade biológica do planeta. Nasceram ali rios que abastecem cidades e metrópoles brasileiras com uma população de mais 120 milhões de pessoas beneficiadas. Nas áreas ainda protegidas vivem populações indígenas que resistiram à ocupação de seus territórios e comunidades tradicionais que também protegeram a mata, tirando dali seu sustento.

As principais ameaças ao que resta da Mata Atlântica são os grandes empreendimentos, a especulação imobiliária, o tráfico de animais silvestres, a exploração ilegal de madeira e palmito, a carcinicultura, o plantio de espécies exóticas, as carvoarias e a mineração. Há também conflitos relacionados ao deslocamento de populações tradicionais dos parques e áreas de proteção criados nos últimos 20 anos.

O CASA apoia nessa região iniciativas como a da Rede Juçara, que mobiliza caiçaras, quilombolas, indígenas e pequenos agricultores de toda a região na produção do suco da Juçara – o açaí da Mata Atlântica. Apoia também o Instituto e Espaço de Conservação Econsciência – institucionalização de um projeto do InGá na construção de viveiro, fortalecimento institucional, desenvolvimento de planejamento estratégico e apoio a organização de cursos sobre biodiversidade.



“O Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais (InGá) tem sido apoiado pelo CASA desde 2006. Nesse ano, foi contemplado com um financiamento para acompanhar a Avaliação Ambiental Integrada da Bacia do Rio Uruguai. Em 2007 recebeu financiamento institucional, o que lhe garantiu uma estruturação que não tivera anteriormente. Além disso, ainda em 2007, foi patrocinador fiscal do projeto de desenvolvimento do Espaço Econsciência de Conservação e, em 2008, do projeto de consolidação da APEDeMA/RS.

O apoio do CASA propiciou que o InGá consolidasse uma equipe e uma infraestrutura que lhe permitiram aprovar projetos com outros financiadores e desenvolver uma atuação de mobilização e política ambiental que o destaca no cenário ambientalista gaúcho.

Em contato com conselheiros do CASA, vislumbrou-se a possibilidade de o InGá tornar-se uma entidade estratégica, de forma a consolidar as conquistas já obtidas e elevar a ONG a um nível de atuação ambiental mais ampla e efetiva.”

Vicente Medaglia, InGá, Porto Alegre, Rio Grande do Sul



No interior de São Paulo, o Instituto Pró-Terra faz a capacitação de trabalhadores rurais, especialmente ex-cortadores de cana-de-açúcar que estão desempregados, ensinando-lhes técnicas de recuperação florestal para que possam oferecer serviços de recuperação de áreas degradadas, como Matas Ciliares, Reserva Legal, Áreas de Proteção Permanente. Nesse processo, investe nos saberes locais, valorizando os costumes e a cultura regional, estimulando o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade diante das questões socioambientais e culturais, o desenvolvimento da sustentabilidade local e a educação ambiental.

“...a Floresta agradece. As florestas brasileiras e seus povos são os que mais se beneficiam com apoios como o da estimada equipe do CASA. São muitos os que olham para elas, verdes e exuberantes, mas são poucos os que investem nas mãos que tocam na terra para que ela possa se recuperar e alimentar todos os seus seres... O apoio do CASA, nos fez sonhar mais alto, nos fez plantar uma semente pequena de uma árvore gigante... Tínhamos esta sementinha guardada, com carinho, esperando um raio de sol para desabrochar. Esta semente é um projeto tão significativo como o dos Plantadores de Floresta, e que se fortaleceu, viu o sol, quando despertou a atenção da equipe do CASA, seus olhares e saberes... Hoje, cada vez mais mãos e pés tocam a terra, abrem berços, semeiam sombras e sonhos... Este caminho foi aguado e esperamos sempre poder colher os bons frutos com vocês! Obrigada, CASA, pelo carinho, pela confiança e principalmente por investir nas paisagens socioambientais!”

Yanina Micaela Sammarco, Instituto Pró-Terra, Jaú/SP

Pampa



O Pampa é um bioma conhecido também como Campos do Sul ou Campos Sulinos. No Brasil ele ocupa 63% do território gaúcho, estendendo-se pelos territórios da Argentina e do Uruguai. Os ecossistemas naturais apresentam grande diversidade de espécies animais e vegetais, num complexo sistema vital para a conservação de recursos hídricos, polinização e banco genético. Além de exercer um importante papel cultural na formação do povo gaúcho.

Apesar de cerca de 41% da área ainda apresentar cobertura vegetal nativa, apenas 0,4% do Pampa é protegido atualmente por Unidades de Conservação. Com intensa ocupação humana, esse bioma está sob forte pressão da agricultura, pastos e monoculturas florestais que levam ao desaparecimento de espécies nativas vegetais e animais. As características do solo levam também à tendência de desertificação, com áreas extensas perdidas nas últimas décadas.

Numa região de forte tradição de agricultura familiar, com a cultura da soja, organizações como a Cooperativa Central da Agricultura Familiar Ltda. – UNICOOPER e a Associação Regional de Educação, Desenvolvimento e Pesquisa – AREDE, de Santa Rosa, vêm realizando, no Rio Grande do Sul, um importante trabalho de enfrentamento das consequências sociais, ambientais e econômicas do avanço da soja transgênica.

A partir da identificação de agricultores resistentes a esse avanço, essas organizações contribuem com a assistência técnica junto às propriedades familiares produtoras ou interessadas na produção de soja orgânica e de outras culturas alimentares, e na sistematização da experiência da região na produção de soja orgânica, dando mais visibilidade a essas iniciativas.

“Os setenta agricultores da região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul que aderiram ao projeto de soja orgânica estão satisfeitos com o bom desenvolvimento da cultura nos 300 hectares cultivados. A bonificação no preço do produto é um dos fatores de motivação. A soja orgânica tem um acréscimo de 13% no preço da saca para quem plantou a primeira safra e de 35% para os que já estão há mais tempo na atividade. O custo de produção, segundo os agricultores, é menor que o da soja convencional, permitindo uma maior renda financeira no final da colheita. A estimativa, segundo os técnicos, é de um rendimento de cerca de 50 sacas por hectare nas áreas que não foram castigadas pela estiagem.”

Representante da AREDE – Associação Regional de Educação, Desenvolvimento e Pesquisa, Porto Alegre/ RS



Cidades

As grandes cidades da América do sul apresentam os mesmos grandes problemas, independentemente do país, da região, do PIB, da importância político-econômica. Cresceram desordenadamente, sem planejamento do uso do solo e das águas, da destinação do lixo, sem as condições mínimas de acolher a população e oferecer moradia, trabalho, saúde, transporte, educação, lazer.

As cidades recebem a população que deixa o campo sem perspectivas de trabalho, os migrantes que chegam de todos os cantos, de dentro e de fora do país, em busca de melhores condições de vida. Mas não há políticas públicas que respondam às necessidades dessa população e os índices de violência, de abusos e desrespeitos aos direitos básicos do cidadão aumentam a cada dia, tornando essas cidades lugares impróprios para a vida.

O CASA tem apoiado iniciativas e projetos que buscam soluções para esses graves problemas, reunindo instituições e pessoas que trabalham para a melhoria nas condições de vida da população urbana, objetivando mais educação, moradia, geração de renda, economia solidária, educação ambiental, coleta seletiva e destinação do lixo, consumo consciente, arte e lazer, memória, cidadania.

O Projeto Terra Viva procura fortalecer a aliança entre produtores e consumidores de alimentos orgânicos na região metropolitana de Belo Horizonte, trabalhando em rede com outras iniciativas como a Amaalapinha e a 4 Cantos do Mundo, promovendo a valorização do conhecimento e das culturas tradicionais no campo e a organização de feiras e outros mecanismos de distribuição de alimentos orgânicos na cidade.

O projeto “Tecendo a Vida: Tecelagem, cultura e geração de renda para mulheres de comunidades quilombolas urbanas” desenvolve atividades com mulheres remanescentes do Quilombo do Areal da Baronesa e Fidelix, em bairros de ocupação histórica no centro de Porto Alegre/RS. Fortalecendo a identidade e a memória dessa população, o projeto se utiliza de técnicas de tecelagem africanas tradicionais para formar cidadãs com capacidade de gerar renda, promover a economia solidária, melhorar suas condições de vida e exercer seus direitos na cidade.

“O Apoio do CASA à 4 Cantos do Mundo e seus respectivos projetos foi, e ainda é, muito importante. Contribuiu, de um lado, para o grande avanço de nossa Rede Terra Viva, que também comemora seus 5 anos. Uma rede que propõe articular e organizar os pequenos produtores de alimentos saudáveis oriundos da agricultura familiar, urbana, orgânica e agroecológica, produtores de alimentos integrais e os consumidores, que têm oportunidade de obter produtos frescos produzidos com responsabilidade socioambiental. Hoje, o projeto realiza duas feiras em lugares distintos, que acontecem quinzenalmente, e entrega cestas em domicílio semanalmente.

Outro que vale ressaltar, é o apoio dado em 2011 ao Projeto Quintal Vivo – Círculo de Vivências em Permacultura, em sua terceira edição. Estamos conseguindo, graças ao Apoio do CASA, fazer formações sem custos para os participantes, o que dá acesso a grupos que, quando precisam arcar com essa despesa, acabam excluídos do processo. O nosso objetivo é disseminar tecnologias sociais, como bioconstrução, tratamento de águas, aquecedores solar de baixo custo, planejamento de pequenos e médios espaços para a produção de alimentos, etc.”

Thiago Lopes, 4 Cantos do Mundo.



Mudanças climáticas



Por mais que alguns setores tentem negar a influência das ações do ser humano sobre o aquecimento global, as pesquisas e as evidências não deixam dúvidas: os oceanos estão mais quentes, provocando grandes fenômenos meteorológicos como furacões, tempestades, enchentes; geleiras derretem no Ártico, aumentando o nível dos mares e colocando cidades e até países em risco de desaparecimento; o desmatamento desenfreado causa o desaparecimento de cursos d'água, alterações nos regimes de chuva e a desertificação de solos mais frágeis; a concentração de gases nocivos que provoca o efeito estufa interfere na saúde da população, no aumento do buraco da camada de ozônio, na formação de ilhas de calor e até na mobilidade do espaço aéreo. Não são poucas as consequências visíveis da ação humana sobre o planeta, e as populações mais afetadas são justamente as que menos condições têm de se defender.



A queda na produtividade das roças de subsistência ou até mesmo a impossibilidade de tirar da terra o sustento da família levam um enorme contingente populacional à fome, à subnutrição, à falta de perspectiva de vida na América do Sul e em outros continentes.



Nas cidades, a falta de políticas públicas para lidar com o adensamento populacional em áreas de risco, com a ocupação desordenada e a impermeabilização cada vez mais intensa do solo, com a destinação do lixo e o descaso com os rios, leva a desastres que tiram a vida de centenas de pessoas e causam prejuízos financeiros enormes.

Hoje, mesmo se todos os protocolos que prevêem a redução da emissão de gases de efeito estufa fossem cumpridos, a situação de desequilíbrio que enfrentamos não recuaria a níveis aceitáveis. Por esse motivo, ao lado das lutas por conscientização da população, de governos e de empresários para as consequências de nossa ação sobre o planeta, ainda há necessidade de ações para mitigar os efeitos do aquecimento global sobre territórios e pessoas.

Muitas das ações do CASA se referem justamente a esse tema das mudanças climáticas, trabalhando com populações de áreas afetadas por grandes alterações decorrentes da ação humana predatória em ecossistemas frágeis, apoiando a busca de alternativas econômicas para comunidades afetadas e aumentando a capacidade dessa população para a adaptação e resiliência diante dos novos tempos. Essas ações perpassam todos os biomas, temas e subtemas apoiados pelo CASA até agora e em breve constituirão um novo fundo específico.

Construção de capacidades



Muito mais do que investir em projetos e movimentos socioambientais, o CASA tem como uma de suas estratégias e prioridades a construção de capacidades, respondendo às deficiências e demandas dos grupos e indivíduos apoiados para que possam conduzir suas missões com maior eficiência e segurança.

O fortalecimento institucional, a capacitação e o treinamento em áreas-chave identificadas, o desenvolvimento de ferramentas para a comunicação com a sociedade civil, possíveis financiadores e agentes governamentais, e a difusão do conhecimento construído são alguns dos temas que têm mobilizado ações e recursos do CASA.

Além de atividades específicas de formação e construção de capacidades voltadas ao público interno e aos apoiados, o CASA também investe em projetos de formação, cursos, encontros, fóruns, elaboração e distribuição de material didático em todas as regiões do Brasil e em outros países do continente sul-americano.

Em 2007 foram realizadas duas oficinas de Capacitação em Desenvolvimento Institucional, em Brasília e Atalanta (SC), com a presença de 22 participantes. Outras 3 oficinas aconteceram entre 2008-2010 relacionadas ao tema soja, com 25 organizações apoiadas, além de um encontro em San Nicolás, Argentina, com 24 representantes de 3 países – Uruguai, Argentina e Brasil – num intercâmbio entre apoiados do CASA que apresentaram seus projetos e refletiram sobre os caminhos percorridos e os desafios futuros.

O Seminário “Soja: impactos e mecanismos sociais e econômicos”, realizado em parceria com o Instituto Centro de Vida – ICV, reuniu 22 participantes, nos dias 10 e 11 de junho de 2008, em Brasília.

O curso “Alternativas Agroecológicas para comunidades no entorno de plantações de soja”, também foi organizado em parceria com o ICV, nos dias 25 e 26 de janeiro de 2010, no Assentamento Peraputanga, em Diamantino, no Mato Grosso, com a participação de 47 pessoas, de 27 organizações.

O CASA apoiou ainda a realização do “Strategy Workshop on Soy, Agrofuels and Infrastructure”, que aconteceu em Buenos Aires, em 27 e 28 de abril de 2008.

“Foi uma experiência marcante. Saio com mais energia. Muitas coisas que a gente sonha estão acontecendo. As conversas sobre capacitação foram muito boas, atiçaram nossas mentes.”

João Otávio Malheiros, AMAVIDA

“Muitas lições aprendidas. O trabalho do CASA é um estímulo de investimento para as pequenas ONGs que enfrentam dificuldades para sobreviver.”

Beloyanis Monteiro, Palestrante em Administração de Voluntários – SOS Mata Atlântica

“Estabelecemos relações mais íntimas, nos conhecemos mais, sonhamos um sonho conjunto. Foi muito bom conhecer pessoas com objetivos comuns, crescer no que acreditamos.”

Clemência Donatti, Vida Pantaneira

“Os aprendizados que conquistamos aqui são pegadas que vamos seguir, cada vez com mais firmeza.”

Gustavo Salles, 4 Cantos do Mundo





“A dinâmica teve um diferencial grande, material simples e direto, vai ao ponto do que precisamos fazer. Be-a-bá que faz diferença. Salto grande de qualidade.”

Edmilson Pinheiro, Fórum Carajás

“É importante a gente ver que outras organizações também passam por dificuldades. Vamos agora trabalhar esse coletivo que está tão distante e tão perto ao mesmo tempo.”

Miriam Prochnow, coordenadora do programa de capacitação e co-fundadora do CASA – Apremavi

“Para nosotros, de CASA, ha sido una alegría muy grande colaborar en la implementación de sus proyectos y ver los resultados que han logrado. Los queremos convocar ahora, gracias a que la mayoría de uds. nos hizo llegar sus pósters, al ejercicio central. Que uds. nos puedan contar lo que hicieron, hablar entre todos, ver si nos podemos ayudar, por las experiencias, que podamos aprender. Pero especialmente quiero que esta actividad sea útil para todos uds. No duden de aportar ideas o sugerir cambios, o la forma en que piensen que sea mejor.”

Enrique Bostelmann, coordinador del Taller – Consejero de CASA

Resultados



Qual o impacto da doação de um freezer, um liquidificador e um embalador para uma comunidade de extrativistas que processam e comercializam os frutos da palmeira Juçara, no litoral norte de São Paulo, num dos últimos trechos de Mata Atlântica que resistiram à ocupação imobiliária?

Qual o resultado da doação de um telefone, um computador, ou ainda de recursos para o registro legal de uma associação que mobiliza a população de uma área afetada por grandes projetos ?

De que forma a instalação de uma bomba d'água mecânica e de um reservatório de água podem ajudar uma aldeia indígena que se instala num ponto estratégico do território e busca resgatar sua cultura e conhecimentos tradicionais, confrontando um modelo destrutivo de ocupação do cerrado?

Como medir a importância de recursos que garantem os deslocamentos pelos rios da Amazônia, em longas distâncias, entre comunidades ribeirinhas ou aldeias e as cidades para participação em audiências públicas ou encontros com os poderes constituídos na decisão sobre empreendimentos que afetam a vida dessas pessoas?

Muitas vezes, o problema parece tão pequeno que nem chega a ser visto por grandes instituições filantrópicas que estão à frente de movimentos por direitos e/ou pelo meio ambiente. Para as comunidades afetadas, às vezes parece que não há saídas, que a ação local é ineficaz diante da magnitude dos problemas.

Mas, nesses cinco anos de intensa atividade, as lentes de aumento do CASA permitiram que indivíduos, comunidades e associações se projetassem num cenário de importantes lutas, com resultados claros e amplificados pela consciência e empoderamento, a partir de ações locais.



Cada uma das pequenas doações contribuiu de forma decisiva para o avanço da sociedade civil em direção à justiça, à democracia, a uma vida sustentável e digna.

Numa avaliação independente contratada pelo Global Greengrants Fund para medir o impacto das pequenas doações realizadas no Brasil em conjunto com o CASA, ficou claro que os apoiados se beneficiaram com os seguintes resultados:

- Aumento no índice de sobrevivência e de desenvolvimento das organizações ambientais;
- Aumento na confiança e na autoestima das organizações apoiadas, levando ao crescimento e ao aumento das atividades sustentáveis;
- Capacidade de captar outros recursos;
- Garantia de continuidade dos trabalhos através da diminuição da dependência no voluntariado;
- Aumento da visibilidade das organizações e de seus temas;
- Apoio à disseminação de importantes informações ambientais;
- Apoio inicial a organizações que atualmente são importantes atores no movimento ambientalista brasileiro;
- Apoio para a criação de uma nova geração de organizações socioambientais no Brasil;
- Apoio ao crescimento de redes ambientais e de organizações-chave nas redes, hoje participantes fundamentais em importantes debates sobre políticas públicas;
- Promoção de maior envolvimento comunitário;
- Apoio ao monitoramento de projetos e à defesa de interesses específicos, com resultados concretos;
- Auxílio à participação da sociedade civil em conselhos governamentais;
- Apoio à formação de novos líderes ambientais.



Um novo ciclo

Dizem que o “gigante adormecido” finalmente acordou! O Brasil toma assento junto às nações poderosas do mundo e até empresta dinheiro ao FMI. O consumo de bens nunca foi tão grande e as cidades se enchem cada vez mais de automóveis, edifícios e eletroeletrônicos. O celular e o computador estão presentes mesmo nas áreas mais distantes e isoladas do país – um progresso que anima políticos e empresários e até mesmo a população, iludida com tantas luzes e modernidades.

Os países da América do Sul, de uma forma ou outra, também partilham desse novo tempo, integrando-se a grandes projetos econômicos que envolvem infraestrutura, energia, mineração.

Mas um outro olhar pode identificar nesse panorama de euforia o lado obscuro desse modelo de desenvolvimento. Nunca os rios estiveram tão ameaçados por barragens, hidrelétricas, poluição e atividades predatórias. Nunca as florestas foram tão devastadas por desmatamento, exploração ilegal dos recursos naturais, esgotamento da flora e da fauna. Nunca as cidades estiveram tão inchadas e degradadas pela ocupação irracional, pela poluição do ar, pela carência nas condições de vida de uma população que foi expulsa do campo e busca sobreviver num cenário de violência, desemprego, insalubridade.



As conquistas da ciência e da tecnologia, do direito e da cultura infelizmente não chegam à grande maioria da população. O Brasil ainda figura nas estatísticas com índices alarmantes de mortalidade entre crianças e jovens, corrupção e violência no campo.

Por um lado, o Brasil e o continente sul-americano despontam como nações emergentes e deixam de ser foco de fundações filantrópicas internacionais que passaram a direcionar suas doações para outros continentes. Por outro, os problemas se agravam e ameaçam as pessoas e o meio ambiente em nível nunca visto.

Dentro desse contexto, o CASA continua buscando parceiros conscientes, em outras regiões do mundo, que possam se juntar no esforço de transformar essa triste realidade. Mas passa também, neste momento, a enfrentar um novo desafio que é envolver instituições filantrópicas brasileiras, ou de investimento social privado, termo preferido localmente, nesse conceito das pequenas doações que trazem grandes transformações.

Pode parecer uma tarefa difícil, mas em sua trajetória o CASA nunca evitou os caminhos difíceis, que às vezes até pareciam impossíveis. A força para enfrentar os novos desafios vem da certeza de que seu modo de atuação é inovador, eficiente e traz respostas para questões que fazem diferença.

O Centro de Apoio Sócio-Ambiental pode ser o Thomas Pynchon do mundo das fundações. Inovador, politicamente comprometido e de sucesso, o CASA também imita o mais publicado Rei da literatura experimental moderna, por manter um perfil público tão tímido que somente os verdadeiros parceiros sabem se ele existe mesmo. A diferença pode estar na precocidade do CASA. Pynchon construiu sua carreira durante anos, mas em menos de uma década o CASA deslançou um fundo brasileiro inusitado, num país com nenhuma tradição desse tipo – e rapidamente expandiu essa iniciativa para os países vizinhos. Agora, com recentes mudanças nas economias do mundo e no Brasil, o CASA aspira poder contribuir para a expansão dessa cultura de filantropia caseira no Brasil, algo que está em demanda no maior país da América do Sul.

Com um crédito de tantas realizações pioneiras, por que tão poucas pessoas ouviram falar do CASA? ‘O CASA nunca pretendeu estar nos holofotes, ou assumir liderança política. Apoiar os grupos em suas próprias agendas’, me conta Maria Amália Souza, cofundadora e diretora executiva, explicando a discrição na divulgação do CASA. ‘Nosso único público tem sido as fundações internacionais e nossos apoiados.’

Há alguns anos, tive o prazer de visitar cerca de meia dúzia de projetos apoiados pelo CASA em regiões remotas do Brasil – lugares em geral novos para mim, um veterano viajante da correspondência internacional. No interesse da transparência, esclareço que fiz essas viagens com recursos do CASA, como consultor na produção de histórias de seus apoios para uso institucional. Mas fiquei sinceramente impressionado em perceber como apoios tão pequenos podem produzir resultados tão grandes se colocados nas mãos certas.

Não é meu papel elaborar sobre os futuros planos do CASA. Você irá encontrar isso detalhado em outra parte deste documento. Mas, enquanto a instituição se move para uma nova era, uma coisa é certa: você estará ouvindo falar mais nela e, especialmente, nos grupos que ela apoia.

Bill Hinchberger, jornalista

O CASA possui uma Assembleia Geral, conformada por todos os sócios-fundadores e associados que se dividem em dois conselhos: o Conselho Deliberativo e o Conselho Consultivo. O Conselho Deliberativo desenvolve as políticas do CASA e tem a incumbência formal de aprovar todos os projetos que apoia. O Conselho Consultivo apoia o desenvolvimento das estratégias institucionais em geral e em particular das suas áreas de especialidade.

Esses Conselhos acreditam que o fortalecimento cada vez maior dessas organizações é fundamental para uma maior intervenção nas políticas públicas, nas denúncias, nas proposições, na melhoria da legislação, ou seja, na implementação de políticas públicas socioambientais.

Conselho CASA 2011

Diretora Executiva

Maria Amália Fontoura de Souza

Conselho Deliberativo

Renato Cunha (Grupo Ambientalista da Bahia), Bahia, Brasil – Presidente do Conselho

Adriana Ramos (Instituto Sociambiental), Brasília, Brasil

Bruna Engle (Núcleo Amigos da Terra), Rio Grande do Sul, Brasil

Carlos Afonso (Instituto NUPEF), Rio de Janeiro, Brasil

Enrique Bostelmann (Global Greengrants Fund – Cone Sul e Andes), Montevidéo, Uruguay

Karin Kaechele (Instituto Centro de Vida), Mato Grosso, Brasil

Jorge Daneri (Instituto M'Biguá), Paraná, Argentina

Marcelo Michelsohn (Tamgram Consultoria Organizacional), São Paulo, Brasil

Rubens Born (Vitae Civilis), São Paulo, Brasil

Tamara Mohr (Both ENDS), Amsterdã, Holanda

Conselho Consultivo

Angela Pappiani (Ikore)

Edmilson Pinheiro (Fórum Carajás)

Lucia Ortiz (Núcleo Amigos da Terra / Brasil – GT Energia do FBOMS)

Miriam Prochnow (Associação de Preservação do Meio Ambiente do Vale do Itajaí)

Sérgio Guimarães (Instituto Centro de Vida)

Conselho fundador

Renato Cunha

Maria Amália Souza

Rubens Born

Alcides Faria

Sérgio Guimarães

Miriam Prochnow

Tamara Mohr

Jorge Daneri

Carolina de Moura Campos

Sócios fundadores

Vanderlei de Castro

Lucia Ortiz

Cesar Victor do Espírito Santo

Artur Moretti

Edmilson Pinheiro

Angela Pappiani

Clemência Donatti

Kitty Tavares

Carolina Paiva

Membros do Conselho Deliberativo em diferentes períodos entre 2005 e 2010

Renato Cunha

Adriana Ramos

Bruna Engel

Carlos Afonso

Enrique Bostelmann

Karin Kaechele

Jorge Daneri

Marcelo Michelsohn

Rubens Born

Tamara Mohr

Sérgio Guimarães

Lucia Ortiz

Alcides Faria

Carolina de Moura Campos

Simone Ramounoulou

Equipe CASA

Cristina Orphêo (Gerente Institucional)

Fabiana de Souza Costa (Assistente Administrativa)

Carolina de Moura Campos (Gerente de Projetos)

“O fortalecimento de pequenas instituições do movimento socioambiental brasileiro foi a grande motivação que tivemos, junto com companheiros ambientalistas, para a criação do CASA.

A existência no Brasil, e por que não dizer também nos demais países da América Latina, de uma cidadania ativa preocupada com as injustiças ambientais, precisa ter o apoio e a solidariedade necessária para que possa desenvolver ações e aglutinar pessoas para combater o modelo predatório vigente e buscar soluções sustentáveis no nível de cada território, potencializando redes de conexões. Essas iniciativas precisam inclusive ganhar maior escala e serem muito mais visíveis para a sociedade.

O CASA tem exercido este importante papel e assim nos mobiliza a continuar vinculados a este trabalho.”

Renato Cunha

“Envolvemo-nos com o CASA porque muitos dos membros do Conselho foram e são pessoas com quem temos uma larga história de trabalho. Sempre nos interessou trabalhar com pequenos fundos que se podem aplicar de uma forma flexível. E é isso que fazemos!

Penso que resultados não vêm com a atuação de uma pessoa, mas que podem ser parte de um processo. Que é sempre o resultado de um conjunto de fatores. Sempre me impressionou a quantidade de informações que as pessoas que participam do CASA detêm sobre assuntos que trabalhamos, sejam ambientais, sociais, ou políticos. Também a paixão de todos. Para as pessoas que trabalham e os membros do Conselho, isso não é trabalho, é vida. São muito dedicados e comprometidos. Também gosto muito de ver as jovens crescerem com o passar dos anos. É muito lindo trabalhar com gente jovem que quer aprender e experimentar tudo.”

Tamara Mohr

“Estar no CASA é uma grande honra, um grande privilégio. Uma enorme aprendizagem pela escuta. Como se aprende, como se desfruta de todos os seres que compartilham e fazem esse espaço existir!

É um privilégio e ao mesmo tempo uma grande responsabilidade perante tantas organizações que podem ser beneficiadas pelos recursos do CASA. A grande diferença dessa instituição é que se conhecem as organizações beneficiadas, se acompanham de perto sua vida e desenvolvimento. O CASA não é uma organização que está nas nuvens ou fechada numa estrutura burocrática. O modo de atuação, os conselheiros, os que pensam e atuam localmente, dão legitimidade ao trabalho.

Hoje vejo o CASA dentro de três cenários fortes e elevados. O primeiro é o motor do CASA, a energia diária que o faz viver, enriquecendo, cuidando, ampliando, embelezando o jardim da CASA e esse motor são quatro ou cinco mulheres. Isso é muito interessante e relevante. A gestão do CASA é liderada por mulheres.

O segundo cenário é o Conselho Deliberativo, que mantém o equilíbrio entre seus membros antigos, que vêm de organizações ambientalistas, que estão desde a criação, e as novas gentes, que chegam com nova energia.

O terceiro é o grande desafio que se coloca agora para o CASA. Um salto radical, um avanço qualitativo, com a diversidade de novos atores que enriquecem a instituição.”

Jorge Daneri

“Uma das alavancas promotoras do desenvolvimento sustentável é dar condições para que a sociedade assuma e desempenhe com eficiência as suas responsabilidades, visando o bem comum. Para que isso seja possível é necessário saber valorizar e apostar em iniciativas que a princípio podem parecer pequenas e insignificantes, mas que têm um enorme potencial de promover mudanças. Um dos exemplos clássicos desse tipo de iniciativa pode ser visto no trabalho com a questão do microcrédito, como uma forma eficiente de combate à pobreza.

Estimular e dar condições de crescimento para que “pequenos e médios” possam fazer a diferença na sociedade é fundamental e é isso que o CASA faz. Nesses anos em que tenho acompanhado o trabalho do CASA, tenho visto o quão importante é dar voz, vez e oportunidades para iniciativas locais. Os resultados desses apoios mostram que estamos no caminho certo e que ainda há muito a ser feito. A diversidade de boas iniciativas, com resultados concretos, constitui uma verdadeira esperança e inspiração para um futuro diferente, com qualidade de vida para todos.”

Miriam Prochnow

“O CASA é um instrumento de capilarização de recursos para iniciativas estratégicas da sociedade civil.

O CASA apoia pequenas organizações que no mapa global das doações ficariam desguarnecidas apesar de seu papel fundamental. Muitas trabalham com base no voluntariado, por falta de estrutura e organização, o que as impede de ter acesso a recursos. O CASA apoia a formalização, a organização de um grupo de pessoas que atuam para que se organizem, cresçam, consigam acessar outras doações e dar prosseguimento à sua missão.

O grande diferencial do CASA é apoiar o ativismo, campanhas, mobilizações, articulação entre as comunidades. Consolida relações entre pessoas que trabalham juntas há muito tempo e incorpora organizações de outros países da América do Sul, principalmente do Cone Sul.”

Sergio Guimarães

“É algo realmente poderoso se sentir junto e em solidariedade com aqueles que estão resistindo, resguardando valores, modos de vida e o futuro e, ao mesmo tempo, transformando ao compartilhar saberes e soluções. É também um privilégio conseguir montar um mapa das dinâmicas de transição que estamos vivendo a partir das demandas e dos projetos que chegam ao conselho do CASA, a partir das comunidades e dos seus territórios, onde se dão ao mesmo tempo as disputas econômicas e políticas do atual modelo de desenvolvimento e os seus consequentes conflitos sociais e ambientais. Mas é também dali que brotam as sementes de uma nova forma de ver, pensar e agir no mundo, as quais, tenho certeza, são a força para uma mudança de sistema e de paradigma, para uma nova organização da sociedade com justiça social e ambiental e onde as pessoas e os povos possam viver em plena realização, guiados pelos valores humanos que estão em harmonia com a natureza, porque somos parte dela.”

Lucia Ortiz

“Como não poderia ser de outra maneira, minha história com o CASA começa com apoio. Foram mil dólares para a 4 Cantos do Mundo, que acabara de decidir pela interrupção dos seus trabalhos. O apoio do CASA foi um recomeço.

Entra 2005, e durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre, fui convidada a ser Conselheira do CASA. Honrada demais fiquei em ter o privilégio de estar em uma organização com pessoas tão experientes e historicamente engajadas.

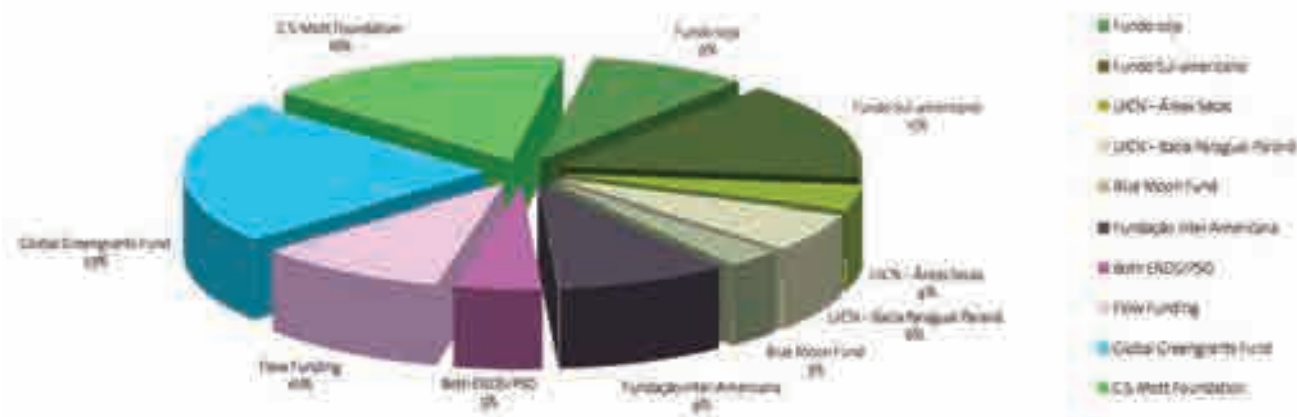
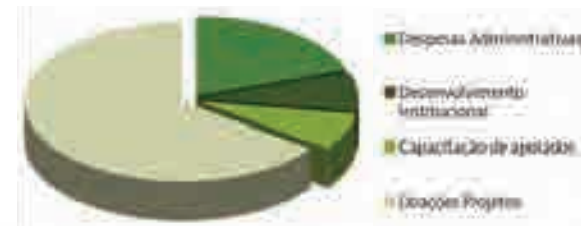
Em meados de 2006, passei a trabalhar na monitoria de projetos apoiados pelo Programa Áreas Secas que o CASA realizava com a IUCN-NL. Logo em seguida fui convidada a trabalhar na equipe do CASA, na construção do CASA no dia a dia. E lá se vão 5 anos de experiências maravilhosas. Se tem uma coisa que me encanta é ver o povo se organizando, trabalhando junto, cuidando da vida.”

Carolina de Moura Campos

Números do CASA

CASA

Despesas Administrativas	1,115,231.34
Desenvolvimento Institucional	438,661.11
Capacitação de apoiados	417,692.45
Doações Projetos	3,651,589.25
Total	5,623,174.15

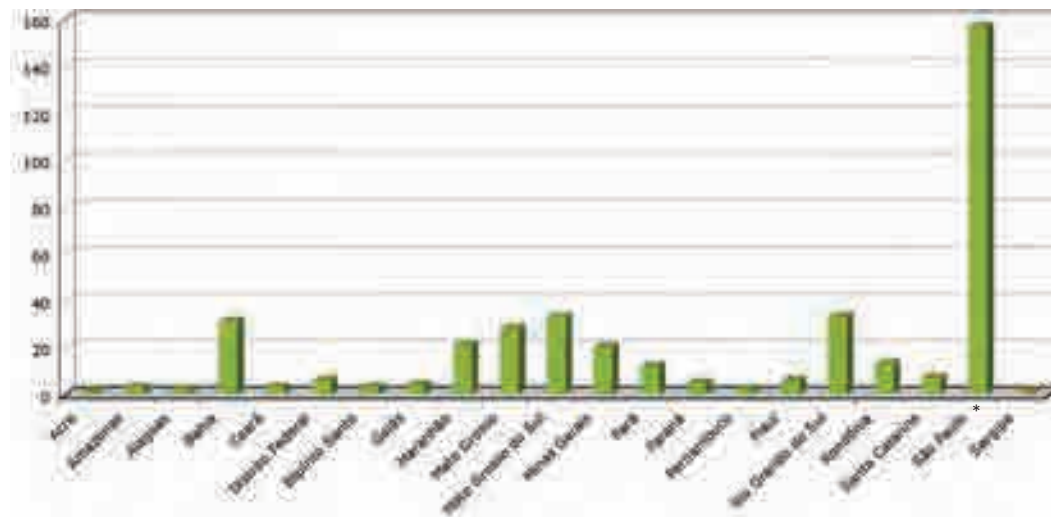


Fundos

Fundo soja	285,000.00
Fundo Sul-americano	500,000.00
UICN – Áreas Secas	130,000.00
UICN – Bacia Paraguai-Paraná	205,000.00
Blue Moon Fund	100,000.00
Fundação Inter-Americana	300,000.00
Both ENDS/PSO	160,000.00
Flow Funding	340,000.00
Global Greengrants Fund	740,000.00
C.S. Mott Foundation	540,000.00

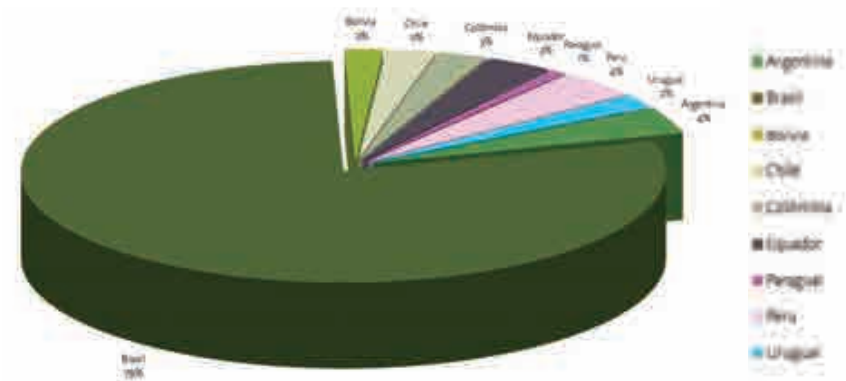
Projetos por país e estados no Brasil

Acre	1
Amazonas	3
Alagoas	2
Bahia	31
Ceará	3
Distrito Federal	6
Espírito Santo	3
Goiás	4
Maranhão	21
Mato Grosso	28
Mato Grosso do Sul	33
Minas Gerais	20
Pará	12
Paraná	5
Pernambuco	2
Piauí	6
Rio Grande do Sul	33
Rondônia	13
Santa Catarina	7
São Paulo	157
Sergipe	1
Total	391



* a concentração deve-se ao grande número de microapoios entre R\$100,00 e R\$2.000,00 do programa Flow Funding

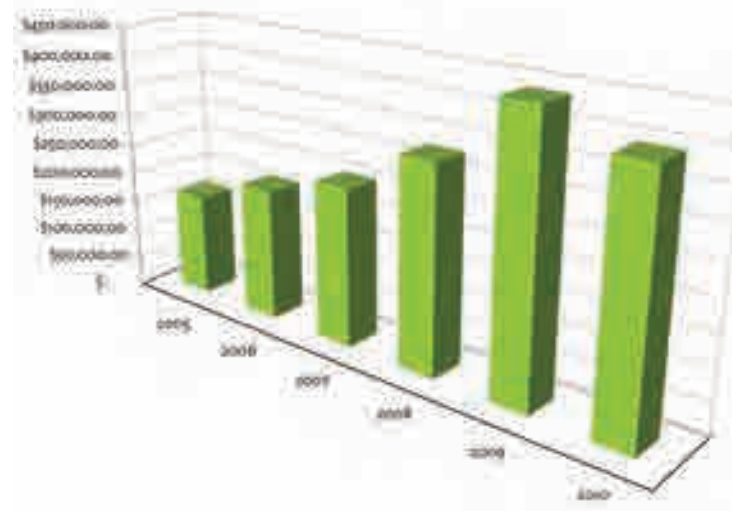
Argentina	19
Brasil	391
Bolívia	10
Chile	12
Colômbia	13
Equador	16
Paraguai	5
Peru	20
Uruguai	10



Projetos por ano entre 2005 - 2010

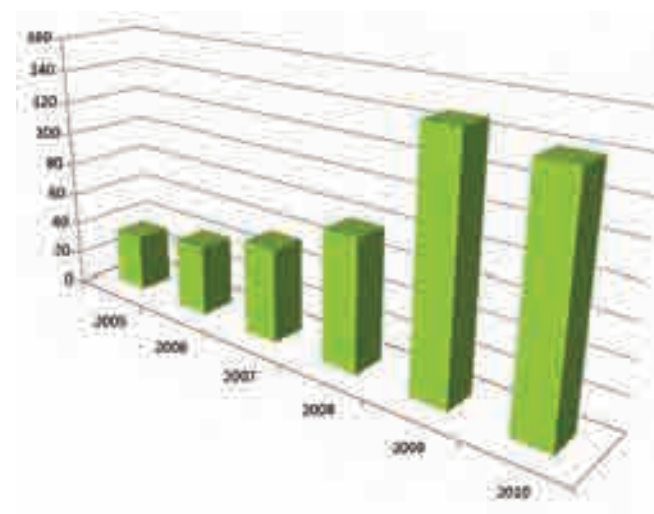
Valores aplicados por ano

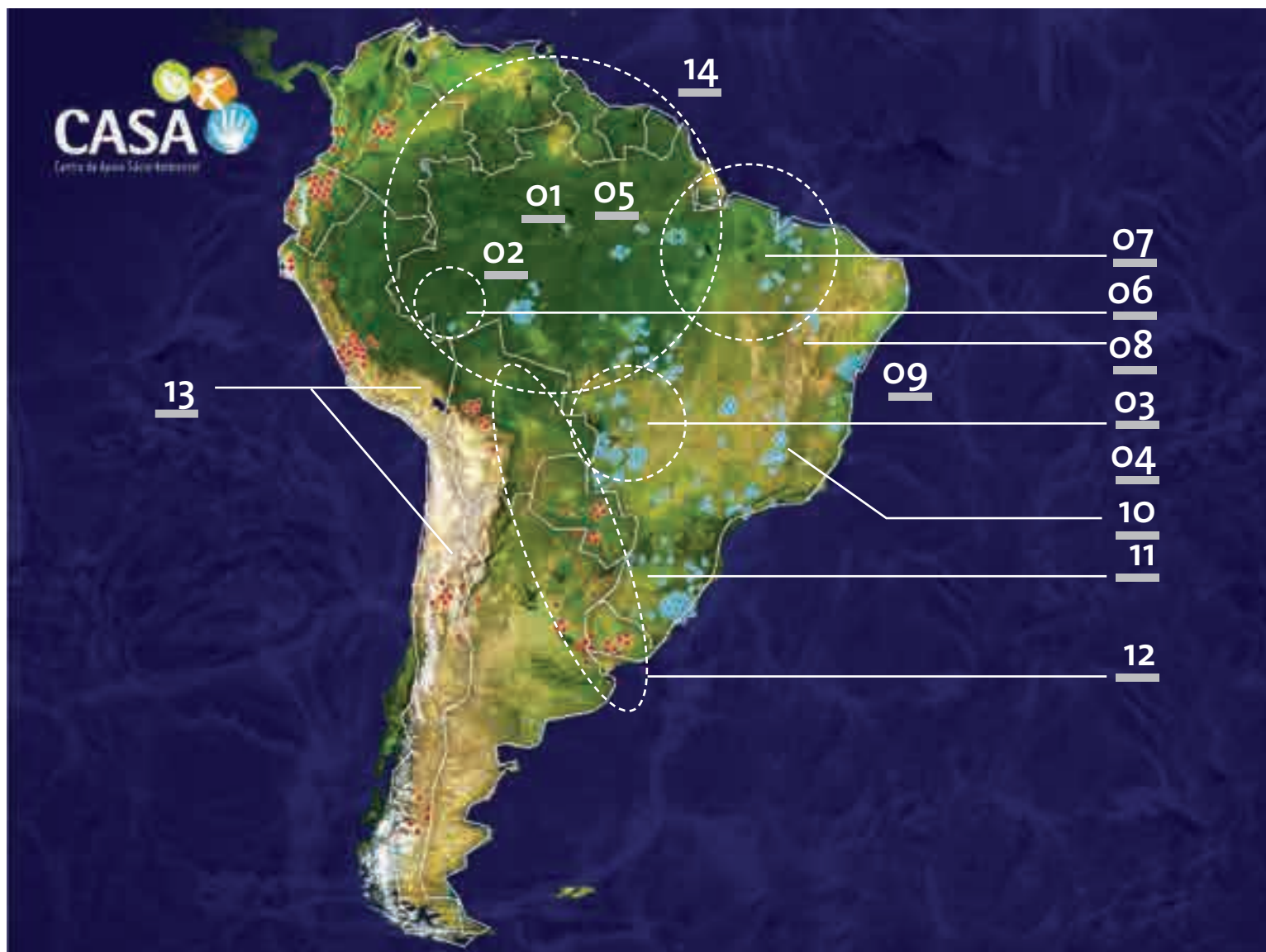
2005	R\$ 338.610,68
2006	R\$ 433.379,25
2007	R\$ 515.558,23
2008	R\$ 669.193,80
2009	R\$ 891.793,99
2010	R\$ 803.053,31
R\$ 3.651.589,26	



Número de projetos por ano

2005	34
2006	42
2007	56
2008	78
2009	147
2010	140





- 01** O Instituto Madeira Vivo passa a existir com personalidade jurídica, conquistando parceiros e apoios para o trabalho fundamental de mobilização da população em relação aos projetos para a bacia do Madeira.
- 02** A Aliança dos Quatro Rios: Madeira, Teles Pires, Tapajós e Xingu se articula e ganha projeção nas lutas relacionadas às bacias desses importantes rios da Amazônia, afetados por barragens, hidrelétricas e projetos de infraestrutura. As ações extrapolam as fronteiras agregando organizações dos países vizinhos.
- 03** As comunidades indígenas Bororo, Xavante, Kisêdjê se fortalecem e desenvolvem projetos de recuperação de cultivos tradicionais, organização de associação e recuperação cultural para enfrentarem o avanço do agronegócio sobre seus territórios, a devastação das matas e do cerrado e a perda da cultura e da tradição.
- 04** Os povos indígenas trabalham em rede com assentados e pequenos agricultores no centro-oeste brasileiro para a recuperação das matas ciliares e dos rios, enfrentando a monocultura da soja, a poluição e a destruição das nascentes do Xingu.
- 05** Ribeirinhos, mulheres, indígenas e extrativistas se organizam para conhecer os impactos dos grandes projetos previstos para a bacia do Xingu e outros rios da Amazônia, produzindo material informativo, participando de reuniões e audiências públicas.
- 06** Organizações indígenas no Acre e no Amazonas desenvolvem projetos de fortalecimento cultural e de recuperação de técnicas e conhecimentos ameaçados pelo contato com a sociedade brasileira, protegendo a floresta e os rios e criando alternativas econômicas sustentáveis.
- 07** Agricultores e extrativistas do Maranhão, Pará e Piauí fazem cursos de capacitação, apropriam-se de informações e ferramentas para alterar sua forma de cultivo, preservando o solo e os rios, aumentando a produtividade, conquistando novos mercados.
- 08** Comunidades do agreste nordestino constroem cacimbas para enfrentar a seca, capacitam-se e desenvolvem pesquisas e práticas para enfrentar a desertificação do solo.

- 09** Na Bahia, as organizações da sociedade civil trabalham com o fortalecimento da identidade e da cultura, com a ação cidadã na formulação de políticas públicas, confrontam a carcinicultura e os empreendimentos desenvolvimentistas que colocam em risco os mangues, a mata atlântica e o oceano.
- 10** Em Minas Gerais, agricultores se organizam para produzir alimentos orgânicos, recuperar técnicas tradicionais de cultivo, abrir novos mercados em rede com grupos de ambientalistas e consumidores conscientes que atuam nas cidades.
- 11** No sul do país, projetos de plantio de soja orgânica aparecem como alternativa à soja transgênica. Pesquisas e ações são desenvolvidas para proteger o solo com tendência à desertificação.
- 12** No extremo sul, ações mobilizam instituições dos países vizinhos como Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia na proteção da bacia Paraguai-Paraná e do Pantanal e Chaco, confrontando grandes projetos de infraestrutura.
- 13** No Peru e no Chile, comunidades indígenas e trabalhadores buscam soluções para graves problemas ambientais e sociais decorrentes da mineração.
- 14** A floresta e os rios da Amazônia são foco de muitos projetos de proteção ao meio ambiente, economia sustentável e mobilização frente a grandes empreendimentos que trazem mudanças profundas para essa população.

As grandes cidades da América do Sul padecem com os mesmos problemas: falta de planejamento e políticas públicas de moradia, saúde, educação, transporte, empregos. Em todas as regiões a sociedade civil se organiza em busca de seus direitos e de voz.

População nas cidades se organiza, cria instrumentos de participação cidadã, fortalece a memória e a cultura das cidades, desenvolve projetos de capacitação e geração de renda para comunidades carentes.



Relatório CASA

Edição

Ikore

Redação e edição

Angela Pappiani

Projeto Gráfico

Élcio Miazaki

Tradução

Jones de Freitas

Revisão

Maria Suzete Casellato

Fotografias

fornecidas por conselheiros e apoiados



parceiros e apoiadores

